

"ACANHADO"

Um roteiro de
Isadora Farias

IDEIA:

Um homem com síndrome de Asperger encontra dificuldades de se relacionar com sua família, principalmente, seu filho mais velho.

STORY LINE:

Carlos é diagnosticado com síndrome de Asperger na fase adulta e sofre com as barreiras causadas em sua vida cotidiana, principalmente no relacionamento com o filho Artur. Ele busca recuperar o tempo perdido, esperando que o filho o perdoe. Depois de anos de conflitos, os dois conseguem se entender, após Artur sofrer um acidente e ficar em coma.

SINOPSE:

Carlos é um garoto de oito anos que, devido a sua personalidade, sofre *bullying* na escola. Ele tem dificuldade de socializar com as outras crianças, tendo apenas um amigo, chamado Lucas, que o defende dos demais. Quando cresce, Carlos se casa com uma linda moça chamada Soraia e tem dois filhos, Luise e Artur. Ele sente muita dificuldade em lidar com sua nova vida e sofre por não conseguir demonstrar seus sentimentos como gostaria. Seu filho, Artur cresce sem entender os motivos para o pai ser tão reservado e nutre grande rancor e raiva de Carlos, se tornando um jovem rebelde

e que não quer nada da vida. Soraia e Luise tentam, de todas as maneiras, fazer com que eles dois se resolvam, mas Artur é extremamente relutante. Até que ele sofre um acidente grave e dá entrada no hospital em coma. Enquanto está desacordado, um homem não identificado leva Artur a visitar lugares que ele não conhecia, mostrando para ele situações que fazem com que ele acorde do coma com outra forma de pensar e aberto a entender as limitações de seu pai.

"ACANHADO"

Um roteiro de
Isadora Farias
(1.º TRATAMENTO)

"ACANHADO"

FADE IN:

CENA 1. INT. - CASA DE MARTA - DIA.

QUARTO DE CARLOS

O ambiente com paredes azuis, decoração infantil com carrinhos, ursos de pelúcia, bonecos, tudo muito bem

arrumado. CARLOS, 8 anos, magro, cabelos e olhos castanhos, dorme na cama.

O despertador, no criado mudo, toca às 5:30. Ele acorda, senta na cama e dá uma espreguiçada. Em seguida, arruma a cama cuidadosamente, tira o pijama, dobra-o perfeitamente e guarda numa gaveta.

Se dirige para o banheiro.

CENA 2. INT. - CASA DE MARTA - DIA.

COZINHA

Carlos, de uniforme escolar, está sentado na mesa tomando café, enquanto a mãe, MARTA, 31, bonita e parecida com o filho, prepara seu lanche para a escola. Ela prepara a lancheira de Carlos.

MARTA

Como passou a noite, filho? Cê dormiu bem?

CARLOS

Sim.

MARTA

Sonhou com o quê? Conta pra mamãe.

Carlos, que mantinha a cabeça abaixada enquanto comia, levanta os olhos, por um segundo, para a mãe e esboça um olhar triste.

CARLOS

Não tive nenhum sonho hoje.

MARTA

Poxa, meu amor. Que pena, mas essa noite vai ser melhor, viu? Pode confiar em mim. Cê vai ter lindos sonhos. Sua lancheira já tá pronta. Termina aí e vai escovar os dentes pra gente não se atrasar.

Ela coloca a lancheira em cima da mesa, vai em direção ao filho, passa a mão em seus cabelos e dá um beijo na testa dele, que continua de cabeça baixa, terminando o café.

Marta SAI da cozinha.

CENA 3. INT. - CARRO DE MARTA - DIA

Marta dirige. Carlos está sentado do banco de trás, com o cinto de segurança devidamente colocado. Ele admira a cidade, o fascínio fica evidente nos olhos, ao ver todos aqueles prédios.

CENA 4. EXT. - PORTA DO COLÉGIO - DIA

Marta desce do carro e abre a porta para o filho, ajudando-o a descer com seu material. Ela fecha a porta do carro e abaixa para ficar da altura dele.

MARTA

Boa aula, meu amor. Daqui a pouco a gente se vê de novo, tá bom? Presta atenção direitinho. Te amo.

Marta dá um beijo e um abraço em Carlos, que sorri para a mãe e se dirige em passos lentos à entrada da escola, caminha um pouco mais e se vira para olhar para a mãe, que retribui com um sorriso e um aceno.

Ele volta a caminhar e ENTRA no prédio.

Marta segura o pingente de cruz, pendurado no pescoço e faz uma curta oração.

MARTA

Cuide do meu filho hoje, meu Deus.
Não deixe que nada lhe aconteça.

Beija o pingente, ENTRA no carro e vai embora.

CENA 5. INT - SALA DE AULA - DIA

Carlos está sentado. Atento, ele desenha prédios e casas, parecidos com os que viu no caminho do colégio.

O espaço ainda não está cheio, apenas três crianças sentadas em suas cadeiras, em lugares distintos. Elas mexem em seus cadernos e mochilas.

Dois MENINOS aparecem e dirigem-se à Carlos. Um deles vem por trás e toma o lápis da mão de Carlos, enquanto o outro puxa o caderno e olha o desenho. Assustado, Carlos olha para os meninos.

MENINO 1

Que porcaria é essa que você tá desenhando, hein? Nossa, que desenho feio! Nem pra desenhar você serve.

MENINO 2

A única coisa que você faz nessa escola é desenhar e nem isso você sabe fazer?

Os dois meninos começam a rir debochadamente e alto. Eles jogam as coisas de Carlos no chão e saem rindo. Carlos levanta, pega suas coisas no chão e, chorando, volta a desenhar.

A professora ENTRA, seguida por mais alunos, que vão se acomodando em seus lugares.

O Menino 1 passa por Carlos, dá um peteleco em sua orelha e começa a rir. Carlos continua quieto, sem reclamar.

A professora, que nada percebeu, coloca suas coisas em cima da mesa, pega um giz e escreve em maiúsculo no quadro: VAMOS APRENDER A MULTIPLICAR?

Animada, ela os cumprimenta.

PROFESSORA

Bom dia, crianças!

CRIANÇAS

Bom dia, professora!

PROFESSORA

Nós já aprendemos a somar e a diminuir os números, não foi?

Carlos olha para o quadro e sorri.

PROFESSORA

Então, hoje vamos aprender a multiplicar.

Carlos, eufórico, vira uma página do seu caderno, pega um lápis no estojo e olha para a professora com atenção.

Durante toda a aula, ele se manteve atento, anotou o que a professora falava e fez toda a tarefa, terminando mais rápido do que os colegas.

No fim da aula, todos começam a arrumar suas coisas e se dirigem para a porta.

Enquanto Carlos arruma seu material, o Menino 2 passa por ele, derruba o caderno que estava em sua mão e vai embora rindo, junto com o Menino 1. Carlos respira fundo, pega o caderno no chão, coloca dentro da mochila e a fecha. Enquanto ele coloca a mochila nas costas, outro garoto se aproxima. É LUCAS, 9 anos, muito magro, mais alto do que Carlos e loiro, o único amigo de Carlos. Ele o ajuda com a mochila e fala

LUCAS

Carlinhos, você não pode deixar esses palhaços te tratarem assim não. Porque você não bate neles? Se quiser, eu te ajudo.

CARLOS

Se eu bater neles, vou me complicar. Minha mãe não ia gostar nem um pouco. Sem contar que, provavelmente, eu ia apanhar.

LUCAS

Tá bom então, mas você devia falar pra professora, né? Ai ela ia

brigar com eles e eles não iam mais te perturbar.

CARLOS

Não sei, eu não quero confusão. Deixa isso quieto. Tchau, Lucas, até amanhã. Tenho muito dever de matemática.

Ele sai correndo em direção à saída e deixa Lucas lá, falando sozinho. Ele fala pra si mesmo

LUCAS

Mas ela nem passou dever, uai. Tchau então.

Ele dá de ombros e vai em direção à saída.

CENA 6. EXT - PORTA DA ESCOLA - DIA

Marta está encostada em seu carro. Quando vê Carlos, ela desencosta e vai em direção à ele com os braços abertos. Ele vem de lá correndo também e abraça a mãe. Os dois estão sorrindo. Ela o beija na testa.

CARLOS

Mãe, hoje a gente estudou matemática. Foi muito legal, eu aprendi a multiplicar.

MARTA

Que bom, meu amor. Eu sei que você adora matemática, né? E aconteceu mais o que de legal com você hoje?

CARLOS

Nada não. Só isso mesmo.

Ele responde sem o mesmo entusiasmo. Marta estranha a mudança dele, mas não pergunta nada. Os dois entram no carro.

CENA 7. INT - DENTRO DO CARRO - DIA

Enquanto dirige, Marta olha pelo retrovisor central para Carlos e vê que ele está admirando a rua pela janela.

MARTA

Me conta, amor. Você fez mais o que além de aprender a multiplicar?

CARLOS

Só uns desenhos.

MARTA

Hmm, e o que você desenhou? Pode me mostrar?

CARLOS

Eu desenhei os prédios. Eles são muito legais, né? Olha só que lindo.

Ele abre a mochila, pega o caderno, abre na página onde estava desenhando e mostra à mãe.

MARTA

Lindo, meu amor. Você é um ótimo desenhista. Estou orgulhosa.

Pelo retrovisor, ela observa Carlos, que sorridente admira o seu desenho.

Ele vislumbra os prédios na rua.

CENA 8. INT - CASA DE MARTA - DIA

QUARTO DE CARLOS

Carlos acorda, tira a roupa do pijama, dobra, guarda no armário e vai em direção ao banheiro.

COZINHA

Marta prepara o lanche, enquanto Carlos está sentado na mesa tomando seu café.

MARTA

E hoje, amor? Como foi a noite?
Sonhou com o que?

CARLOS

Hoje eu sonhei com duas coisas, os prédios e minha aula de matemática. Foi meio esquisito, mas eu gostei. Quando eu crescer, quero ser professor de matemática e morar num prédio daqueles.

MARTA

Você vai ter tudo que você quer, meu bem. Você pode ter o mundo, se quiser.

CENA 9. EXT - PORTA DA ESCOLA - DIA

Marta dá um beijo e um abraço em Carlos. Ele vai em direção à entrada da escola e acena para a mãe que, sorrindo, retribui.

Antes de entrar no carro, Marta beija seu pingente e faz a oração.

MARTA

Senhor, tome conta do meu bebê, que ele tenha um ótimo dia.

CENA 10. INT - SALA DE AULA - DIA

A professora está sentada à espera dos alunos. Alguns deles estão em suas cadeiras, outros conversando e brincando na porta.

Carlos procura um lugar para sentar, mas a única cadeira vazia é ao lado do Menino 1, que olha para ele com cara de deboche. Carlos hesita por um segundo, mas senta na cadeira.

MENINO 1

Se prepara, viu? Hoje o dia vai ser muito divertido.

Carlos não responde, apenas olha para frente.

Mais alunos vão entrando na sala e sentando em suas cadeiras. A professora começa a aula.

Ela escreve na lousa: Português.

Enquanto ela está explicando o conteúdo, Carlos desenha prédios em seu caderno.

O Menino 1 vê Carlos desenhando e levanta a mão para pedir a palavra.

MENINO 1

Mas professora, hoje é aula de português ou de artes?

PROFESSORA

De português. Você não está prestando atenção?

MENINO 1

Eu estou sim. Quem não está é o Carlos, ele só faz desenhar, não anota nada e nem faz a atividade.

A professora vai até a cadeira de Carlos e vê que ele realmente está desenhando.

PROFESSORA

Carlos, porque você não está copiando as anotações no seu caderno? Você não pode desenhar durante a aula se não for aula de artes. Por favor, pare de desenhar e copie.

Envergonhado, Carlos muda a folha do caderno e começa a fazer as anotações da aula.

O Menino 1 olha para um dos amigos e os dois riem em silêncio.

CENA 11. EXT - PARQUINHO DA ESCOLA - DIA

Carlos está sentado na grama, comendo seu lanche e observando algumas crianças brincando. Lucas chega e senta

com ele. Carlos olha para Lucas, que sorri. Eles começam a lanchar e observam tudo ao redor.

Carlos está com um suco de caixinha em uma mão e um sanduíche na outra. Ele toma um gole de suco e morde o sanduíche, sempre nessa ordem.

O Menino 1 aproxima-se e derruba a caixinha de suco, que cai em cima de Carlos e molha parte de sua blusa.

MENINO 1

Vem me bater, vem. Você é muito é frouxo. Não dá nem graça te pirraçar, você não faz nada. Tô esperando, vem aqui.

Carlos não responde. Ele pega um guardanapo dentro da lancheira e tenta, sem sucesso, limpar sua camiseta.

Lucas fica impressionado por Carlos não reagir e parte para cima do Menino 1. Eles se esbofeteiam e rolam pelo chão.

Carlos começa a chorar e a gritar, desesperado, vendo os dois meninos brigando. Duas meninas mais velhas se aproximam e tentam, sem sucesso, acalmá-lo.

LUCAS

Você não vai mais bater no meu amigo! Se ele não faz nada com você, eu faço!

MENINO 1

Ta defendendo seu namoradinho, é?
Eu faço o que eu quiser com ele, cê
não vai me impedir não!

LUCAS

Ele não é meu namoradinho, ele é
meu amigo!

Vários alunos fazem uma rodinha em volta dos meninos. Alguns gritam incentivando a briga.

Uma menina corre em direção ao prédio da escola, enquanto os meninos ainda estão se esbofeteando no chão.

Um instante depois a menina volta correndo, seguida pela DIRETORA, uma senhora robusta, e mais alguns professores. Eles separam a briga, colocando cada um de um lado.

DIRETORA

O que significa isso? Qual o motivo
dessa briga ridícula?

LUCAS

Ele estava perturbando o Carlos,
derramou todo o suco dele. E faz
dias que ele ta perseguindo meu
amigo.

MENINO 1

É mentira! Eu derrubei sem querer.
Ele que veio pra cima de mim, me
batendo, por causa do namoradinho
dele!

DIRETORA

Olha, vocês dois vão para a diretoria. Vou chamar seus pais. Quero saber exatamente o que está acontecendo.

Os dois meninos caminham junto a diretora e os professores. Carlos continua gritando e chorando, nitidamente atordoado. Angustiado, ele olha para o céu.

Daniel, 36, baixo e gordo, moreno, usando óculos, vem ajudá-lo. É um dos professores da escola. Ele segura o menino nos ombros, dizendo algumas palavras, tentando fazer com que ele se acalme.

DANIEL

Carlinhos, tenha calma. Vai ficar tudo bem. Vamos chamar sua mãe pra que ela venha te buscar. Não foi sua culpa.

Carlos se acalma um pouco, mas continua chorando. Ele senta no chão e o professor senta ao seu lado. Os dois ficam em silêncio. Carlos observa o céu.

CENA 12. EXT - PORTA DA ESCOLA - DIA

Carlos, ainda chorando, está sentado em frente à entrada do prédio. Abraça as próprias pernas e apoia o queixo nos joelhos. Daniel ainda está sentado com ele.

O carro de Marta chega. Ela desce do carro à procura do filho.

Quando o vê, corre em direção a ele.

Carlos nem percebe a mãe se aproximar. Continua na mesma posição, chorando.

MARTA

Filho, o que houve? Qual o problema? Alguém te fez mal? Porque você tá chorando?

Ela abraça-o, depois afasta-se um pouco e olha nos seus olhos. Começa a procurar por machucados no corpo de Carlos, mas não encontra. Chorando, ela agarra-o com força. Vira-se para o professor.

MARTA

O que aconteceu com meu filho? Porque ele está chorando? Que foi que houve?

DANIEL

Dois meninos se envolveram numa briga. Parece que um deles importunou o Carlos e o amigo o defendeu. A diretora vai te explicar direito. Vai lá falar com ela, eu fico com ele.

Carlos se agarra à mãe, quando percebe que ela está prestes a sair.

CARLOS

A culpa é minha, mamãe. Ele bateu no Lucas por minha causa.

MARTA

Quem bateu, Carlos? Quem bateu no Lucas?

CARLOS

Aquele menino. Ele bateu, foi minha culpa.

MARTA

Calma, filho. Não foi sua culpa. Fique calmo. Eu vou descobrir o que aconteceu. Espere aqui, eu já volto. Não saia daqui.

Marta ENTRA no prédio.

INT - CORREDOR - DIA

Marta chega à sala. A porta está fechada e ela bate. Um homem abre a porta e olha para ela, sem dizer nada.

MARTA

Posso falar com a diretora?

HOMEM 1

Ela está ocupada no momento.

MARTA

Meu filho está chorando na porta da escola. Tenho direito de saber o que aconteceu.

HOMEM 1

Lamento muito, mas isso vai ter que esperar. Ela realmente não pode atender.

Marta olha chocada e seu rosto passa do choque para a raiva em segundos.

MARTA

Escute aqui, é responsabilidade de vocês conservar a ordem nessa escola. Se eu deixo meu filho aqui de um jeito pela manhã, quero chegar e encontra-lo do mesmo jeito, não chorando. Fale agora o que aconteceu, ou vocês terão problemas muito piores pra resolver. Meu marido é advogado e conhece muitas pessoas. Ele não vai deixar isso barato.

O Homem fica desconcertado com a ameaça de Marta, mas tenta disfarçar e manter a mesma postura de antes.

HOMEM 1

Só um instante, senhora. Vou ver se ela pode abrir uma exceção. Como é o nome do filho da senhora?

MARTA

Carlos Albuquerque. Ele faz a terceira série.

O homem assente uma vez com a cabeça e fecha novamente a porta da sala.

Marta fica do lado de fora, esperando impaciente.

Poucos minutos depois, o homem abre a porta novamente.

HOMEM 1

Entre. Ela já vai falar com você.

Marta ENTRA. A porta é fechada novamente.

CENA 13. EXT - ENTRADA DA ESCOLA - DIA

Marta SAI do prédio e vê Carlos sentado no mesmo lugar que ela o deixou. Ela para por um instante, olha para o menino com um olhar triste e respira fundo antes de continuar andando em direção ao filho.

MARTA

Está melhor, meu amor?

Carlos não responde. Olha para Marta, ainda triste, mas não está mais chorando.

MARTA

Vamos, vai ficar tudo bem. Vamos para casa.

(fala para Daniel)

Muito obrigada por cuidar dele.

O professor apenas acena, sorrindo. Ele passa a mão nos cabelos de Carlos e volta para o prédio da escola.

Marta pega a mão de Carlos e ele se levanta, pegando sua mochila com a mão livre.

Marta pega a mochila de Carlos e coloca em suas costas.

Os dois caminham calmamente em direção ao carro.

10 ANOS DEPOIS

CENA 14. INT - CASA DE MARTA - DIA

QUARTO DE CARLOS

A câmera entra pela janela aberta fazendo uma panorâmica pelo quarto muito bem arrumado parando em Carlos, 18 anos, alto, magro, pardo, cabelos até o pescoço e olhos castanhos, que está sentado numa escrivaninha, em frente à um computador, com vários livros abertos e um lápis na mão. Ele está bastante concentrado nos estudos.

Alguém bate na porta e ele olha em direção à ela.

CARLOS

Entra mãe.

Ele volta à olhar para os livros e computador na sua frente.
Marta ENTRA no quarto, com uma bandeja nas mãos e sorrindo.

MARTA

Como você sabia que era eu?

CARLOS

Considerando que só eu e você
estamos em casa, quem mais poderia
ser?

Marta dá de ombros, ainda sorrindo. Carlos continua
concentrado durante o pequeno diálogo.

Ela coloca a bandeja com comida numa parte vazia da
escrivadinha.

MARTA

Você vai perder toda sua juventude
estudando desse jeito. Poderia sair
mais um pouco. Não tem problema se
parar de estudar por uma tarde ou
uma noite, filho.

CARLOS

Não. Prefiro ficar em casa
estudando.

MARTA

Porque você não chama o Lucas pra vir aqui te fazer companhia?

CARLOS

Ele tá viajando.

MARTA

Então porque não chama outra pessoa? Não tem nenhum amigo pra sair com você?

Carlos olha para a mãe pela primeira vez.

CARLOS

Mamãe, eu não gosto de sair. Você sabe disso. Eu quero ficar em casa, quero estudar. Estou bem assim.

Marta levanta as palmas das mãos em sinal de consentimento.

MARTA

Tudo bem então, se você diz. Mas depois não diga que eu não avisei, quando você tiver mais velho e perceber que passou tempo demais trancado nesse quarto.

Marta SAI do quarto e fecha a porta. Carlos levanta e vai em direção a janela. Ele olha para fora, vendo o que acontece na rua. Algumas pessoas estão caminhando com seus cachorros, umas crianças brincam do outro lado da rua e alguns poucos

carros passam por ela. O dia está muito bonito e as pessoas parecem aproveitar isso.

Carlos suspira e volta para sua cadeira, continuando seus estudos.

3 ANOS DEPOIS

CENA 14. EXT - PÁTIO DA FACULDADE - DIA

Carlos está sentado em um banco, no corredor da universidade, lendo algo escrito em seu caderno.

Muitos alunos passam por ele, entrando e saindo das salas de aulas.

Uma moça que está ao lado de uma sala de aula com outras três garotas, chama sua atenção. Ela é de estatura mediana, esbelta, de cabelos claros e cacheados e pele branca. Tem 19 anos.

Carlos olha admirado para a menina e não percebe quando seu amigo Lucas senta-se ao seu lado.

LUCAS

Se gosta tanto dessa menina,
deveria chamar ela pra sair.

Ele fala sorrindo.

Carlos toma um susto e derruba o caderno no chão. Revira os olhos. Ele abaixa e pega o caderno no chão.

Mantem a cabeça abaixada.

LUCAS

Qual é, Carlinhos? Seja homem! Chame ela pra sair. Quem sabe ela até gosta de você também.

Carlos olha para a menina enquanto fala.

CARLOS

Não acho que ela vá aceitar. Sem contar que ela nem me conhece, não deve nem saber que eu existo.

LUCAS

E vai continuar sem saber, se você nunca tomar coragem pra falar com ela.

Carlos olha para Lucas, que agora está fitando, com os olhos apertados, uma das outras meninas.

CARLOS

Você acha mesmo?

LUCAS

Mas é claro, cara. Inclusive, eu acabei de ter uma ideia. Que tal se você chamasse aquela menina e eu chamasse a amiga dela? Seria como um encontro de casais.

CARLOS

Acho melhor não.

LUCAS

Pelo amor de Deus! Corta essa. Nós vamos falar com elas agora.

Ele levanta do banco e puxa Carlos pelo braço, que arregala os olhos.

CARLOS

(GAGUEJANDO)

Não, Lucas. Calma aí!

LUCAS

Nada de calma aí. Vamo lá agora, se não, você vai desistir.

Carlos tenta falar mais algumas coisas inaudíveis e incoerentes, enquanto Lucas o puxa em direção às meninas. Enquanto eles se aproximam, elas param a conversa e olham para eles.

Quando estão perto o suficiente pra falar com elas, ele solta o braço de Carlos, que dá um passo para trás, ficando atrás de Lucas.

LUCAS

Olá meninas. Tudo bem com vocês? Eu sou Lucas, ele é Carlos. Qual o nome de vocês?

As meninas se entreolham e dão alguns risinhos. A menina de que Carlos gosta olha para Lucas, depois para Carlos e novamente para Lucas.

SORAIA

Me chamo Soraia. Essas são Janine e Estrela. Tudo bem?

LUCAS

Melhor agora.

Lucas abre um largo sorriso. Todos ficam em silêncio por um instante.

LUCAS

Nós estávamos ali sentados, nos perguntando se vocês não queriam tomar um café conosco, depois da aula.

A menina que Lucas estava olhando anteriormente, chamada Estrela, olha para ele.

ESTRELA

Eu não posso. Tenho um compromisso agora com o meu namorado.

Ela dá um pouco mais de ênfase na palavra namorado.

Lucas disfarça um olhar de decepção, mas assente a cabeça para a menina. Depois se vira para olhar a outra amiga de Soraia, JANINE, 20, baixinha e esbelta, morena e de cabelos negros e lisos, lembra uma índia. Ele sorri para ela.

ESTRELA

Vocês vão ficar?

Janine fita Soraia com um olhar interrogativo, sem perceber o sorriso de Lucas para ela.

SORAIA

Nós vamos ficar sim.

ESTRELA

Então até mais, depois a gente se fala.

Ela se vira para os meninos.

ESTRELA

Prazer em conhecer vocês. Até mais.

Ela sai acenando para todos, que retribuem o aceno.

Menos Carlos, que está de cabeça baixa, olhando para as mãos.

LUCAS

E então, meninas. Vamos tomar um café?

Soraia olha para a amiga, que assente para ela com um pequeno sorriso. Ela ri e se volta para Lucas e Carlos.

SORAIA

Tudo bem então. Nós vamos. Mas só se o gato devolver a língua do seu amigo.

Ela olha para Carlos com um sorriso.

Ele levanta o olhar para ela, mas logo o desvia quando percebe que ela o observa para ele. Carlos sorri para o nada timidamente.

LUCAS

Ótimo! Vambora então.

Eles se dirigem para a cantina da faculdade.

CENA 15. INT - CANTINA - DIA

Eles chegam à cantina e se sentam numa mesa quadrada com quatro cadeiras, mais afastada do balcão.

Lucas senta-se de frente para Carlos e Janine de frente para Soraia.

Ela sorri o tempo todo para ele, embora ele sempre evite o olhar dela.

Quando seus olhares se cruzam, ele logo desvia e abaixa a cabeça, sorrindo timidamente.

Lucas e Janine conversam o tempo todo, ignorando a existência de Carlos e Soraia, que continuam em silêncio. Os dois parecem tímidos, apesar de Soraia menos do que Carlos. Depois de alguns minutos, ela se vira para ele.

SORAIA

Então, Carlos. O que você faz?

Carlos a fita.

CARLOS

Como assim?

Ele desvia o olhar novamente.

SORAIA

Ué. Qual o curso que você faz aqui?

CARLOS

Ah sim! Eu faço economia.

Ele vira-se para ela e dessa vez demora mais no olhar, mas depois desvia os olhos. Alguns instantes depois, Soraia diz.

SORAIA

Eu faço direito. Tô no quinto semestre. Você está em qual?

Ele a olha mais uma vez.

CARLOS

Estou no sétimo.

SORAIA

Hmm! Já está quase terminando, né? Bom pra você.

CARLOS

Éhhh!

Eles ficam em silêncio por mais algum tempo.

Soraia começa a ficar inquieta e checar a hora no relógio o tempo todo. Carlos percebe isso.

CARLOS

(gaguejando)

Olha, desculpa. Eu não sou muito bom pra conversar. Na verdade, nunca tive um encontro.

SARAIA

Aaah! E nós estamos tendo um encontro, é?

Ela fala sorrindo para Carlos. Ele olha para as mãos, envergonhado e com as bochechas coradas.

SORAIA

Tô brincando, não precisa ficar com vergonha.

CARLOS

Desculpa. Mas é que não tô acostumado com isso. Não me leve a mal.

SORAIA

Não. Tudo bem. Eu posso aguentar isso. Quem sabe você não melhore com o tempo, né?

Ela sorri carinhosamente para Carlos e ele retribui o sorriso, embora mais contido. Eles se olham nos olhos por um instante, ainda sorrindo. Depois os dois desviam os olhos. Soraia olha no relógio novamente e se espanta.

SORAIA

Vish! Já passou da hora de irmos.

Ela levanta da cadeira, pegando sua mochila no chão.

SORAIA

Bora Janine, já tá na hora de dar tchau.

Ela cutuca a amiga enquanto fala.

Janine, que estava bastante envolvida na conversa com Lucas, olha para Soraia atordoada.

JANINE

Ué, mas já? Eu nem vi o tempo passar.

Estela checa seu relógio também e depois vira-se para Lucas. Ela se levanta também.

JANINE

Sinto muito, preciso ir. Que tal se a gente continuar essa conversa depois?

Fala sorrindo para Lucas, que retribui com um sorriso enorme.

LUCAS

Seria um prazer. Anote seu telefone aqui.

Ele estende uma caneta para ela. Ela pega e segura a mão dele, anotando seu telefone na palma da mão de Lucas.

Quando termina, devolve a caneta, sorrindo.

Ele pega a caneta e dá uma piscada para ela.

Soraia olha sorrindo pra Carlos, que a observa com curiosidade. Carlos sorri de volta, ainda tímido e acena para Soraia, que acena para ele também

SORAIA

Nos vemos por aí.

CARLOS

A gente se vê.

As duas saem da cantina em direção à sala de aula.

Os dois observam enquanto elas vão embora.

Quando elas saem da vista deles, Lucas se volta para Carlos sorrindo meio bobo.

LUCAS

Aaai, cara. Eu acho que tô apaixonado. Será que esse negócio de amor à primeira vista é verdade mesmo?

Carlos revira os olhos.

CARLOS

Depende. Tem estudos que comprovam que isso é verdade, outros acreditam que não. De qualquer modo, não é a primeira vez que você diz isso.

LUCAS

Mano, você não precisa ser sempre literal assim. Enfim.. Dessa vez é verdade mesmo, tô te falando.

Eles ficam em silêncio por algum tempo.

Carlos pega seu caderno na mochila e abre numa folha em branco. Pega um lápis e começa a desenhar.

Lucas espia enquanto ele desenha.

Depois de algum tempo, Lucas percebe que o amigo está desenhando Soraia. Ele começa a rir.

LUCAS

Pelo visto eu não sou o único apaixonado aqui.

Carlos continua desenhando de cabeça baixa.

LUCAS

Sério Carlinhos. Você precisa deixar de ser tão tímido. A menina gostou de você, mas você nem fala direito com ela. E depois que ela vai embora, você vai e começa a desenhar ela. Porque você faz isso?

Carlos olha para Lucas com o olhar pesado.

CARLOS

Não sei, Lucas. Eu tenho medo. Não consigo conversar com as pessoas. Na verdade, só consigo falar com

você, meu pai e minha mãe. Nem meus parentes eu consigo falar direito. Não me sinto à vontade perto das pessoas.

Lucas fica calado por um instante, pensando no desabafo do amigo.

Carlos continua olhando para ele como se esperasse uma resposta. Como Lucas demora para responder, ele volta a desenhar no caderno.

LUCAS

Olha, não sei como te ajudar nisso. Mas sei que se você gosta mesmo da Soraia, deveria tentar se aproximar mais dela. Se não, você vai perder a oportunidade e se arrepender depois.

Carlos assente, ainda voltado para o caderno.

LUCAS

Se quiser eu te ajudo, cara. Sou seu amigo e os amigos servem pra isso mesmo. A gente pode marcar outro encontro de casais. Mas dessa vez um encontro de verdade, fora dessa cantina. O que você acha?

CARLOS

É. Pode ser. Espero que eu consiga falar com ela e não passe vergonha como hoje.

LUCAS

Vai dar tudo certo, cara. Ela é a primeira menina por quem eu vejo você se interessar. Isso deve significar alguma coisa. Quem sabe, vocês até não se casam e tem um Carlinhos, hein?

Lucas solta algumas gargalhadas pro amigo, que sorri de volta pra ele.

Carlos continua seu desenho enquanto Lucas observa.

LUCAS

Você tem talento, cara. Já pensou em ser artista?

Eles riem.

CENA 16. INT - CASA DE MARTA - NOITE

COZINHA

Marta está preparando o jantar enquanto seu marido ROBERTO, 51 anos, um homem alto e um pouco robusto, com cabelos claros, está sentado numa poltrona, na sala em frente, lendo o jornal.

Carlos chega a porta da cozinha e, quando vê a mãe, para na porta. Marta sorri para ele, que retribui o sorriso e volta por onde veio.

Quando sai das vistas dela, ele para por um instante, respira fundo, volta e ENTRA na cozinha.

Marta olha para ele, que balança a cabeça negativamente e SAI da cozinha de novo.

MARTA

Carlinhos?

Ele volta e para na porta de novo.

MARTA

Que foi, menino?

CARLOS

Éeeeh! É que eu queria te falar uma coisa, mãe.

Ele fala olhando para as mãos.

MARTA

Pois fale, oras. Que aconteceu?

CARLOS

É que eu vou sair com o Lucas esse fim de semana.

MARTA

Osh! E desde quando você fica desse jeito quando vai sair com o Lucas?

CARLOS

É que vão duas meninas com a gente também.

Marta continua olhando para o filho e seus olhos começam a encher de lágrimas. Ela sorri.

MARTA

Ooonw! Meu bebê vai ter um encontro pela primeira vez. Que lindo. Robertooo. Robeeerto? Venha aqui.

Carlos abaixa o olhar, envergonhado. Ele revira os olhos. Roberto espia por entre o jornal e levanta, indo em direção à eles.

ROBERTO

Oi meu bem. Que foi? Onde é o incêndio?

Marta, ainda sorrindo, vira-se pra ele.

MARTA

Carlinhos arrumou uma namoradinha.

Roberto olha para o filho, surpreso. Começa a sorrir.

ROBERTO

Aaah! É mesmo? Que milagre, hein? Finalmente, filho. Meus parabéns. Como ela é? Qual o nome? Eu conheço os pais dela?

Carlos fala baixo.

CARLOS

Eu não estou namorando. Ela nem deve gostar mesmo de mim. Sou sempre um idiota na frente dela.

O rosto de Carlos é de tristeza.

Marta chega mais perto do filho, passando um dos braços em volta dele e olha-o nos olhos.

MARTA

Ué, meu filho. Que história é essa? Você não é nenhum idiota.

CARLOS

Sou sim, mãe. Pior é que sou. Nem consigo conversar com a menina direito.

ROBERTO

Carlinhos, você precisa perder essa sua timidez. Seja galanteador como o seu pai.

Marta fita Roberto com cara feia e olhar de reprovação.

Ele faz gestos interrogativos pra ela.

MARTA

Não escute seu pai, Carlos. Ele não tem noção das coisas.

Roberto revira os olhos e SAI da cozinha, voltando para o lugar em que estava antes.

MARTA

Vai dar tudo certo, filho. Não é problema nenhum ser tímido. Você só precisa ser um pouco mais confiante. Você é um menino bonito, inteligentíssimo, dedicado e que sabe o que quer. Só não é muito bom com as palavras. Ninguém é perfeito, né? Ela vai gostar de você. Pergunte sobre ela, o que gosta de fazer, o que não gosta. Garotas gostam de serem ouvidas e que o homem demonstre interesse em sua vida.

Marta o puxa para um abraço, depois afasta-o, sorrindo para ele, encorajando-o. Ele sorri timidamente para ela.

CARLOS

Vamo ver. Obrigada mãe.

MARTA

Por nada, filho. Te amo.

Carlos sorri novamente, mas não responde. Ele SAI da cozinha.

Marta segura sua correntinha com a cruz no pescoço e fala para si mesmo.

MARTA

Meu Deus, abençoe o meu filho. Dê mais confiança à ele. Que ele conquiste seus sonhos e que não se deixe levar pelos pensamentos ruins. Tome conta dele todos os dias e que ele seja muito feliz. Amém.

Ela beija a cruz e volta à fazer o jantar.

CENA 17. INT - RESTAURANTE - NOITE

Carlos e Lucas estão sentados em uma mesa para quatro pessoas, de um dos lados do restaurante. Eles observam o local, as vezes olham o relógio e depois para a porta.

CARLOS

Será que elas vem? Eu acho que elas não vem. É melhor a gente ir embora.

Carlos está aflito e nervoso. Ele soa um pouco.

LUCAS

Relaxa, cara. Logo elas aparecem aí. Só estão 10 minutos atrasadas. Nunca ouviu dizer que mulher sempre se atrasa?

Carlos olha o relógio novamente.

LUCAS

Carlos, se você ficar nessa suadeira aí, a menina nem vai querer te beijar. Sossega.

Carlos passa a mão na testa suada.

CARLOS

É que eu nunca tive um encontro antes.

LUCAS

Eu sei. Vai dar tudo certo.

Lucas olha para a porta e vê as duas meninas entrando no restaurante.

Ele sussurra para Carlos, sem tirar os olhos das garotas.

LUCAS

Se controla. Elas chegaram.

Carlos olha para a porta também e passa a mão na testa novamente.

As meninas se aproximam da mesa e Lucas se levanta.

Ao ver o amigo levantar, Carlos levanta também, meio desengonçado.

LUCAS

Boa noite, meninas. Tudo bem com vocês?

Ele dá um beijo na bochecha de cada uma delas, demorando-se mais na de Janine. Ele pega a mão dela e beija a parte de cima.

As duas meninas sorriem.

CARLOS

Boa noite.

Soraia olha para ele, sorrindo. Ele retribuiu num sorriso tímido.

SORAIA

Boa noite. Tudo bem com você, Carlos?

CARLOS

Tudo.

Os quatro continuam em pé, se encarando.

Lucas puxa a cadeira para Janine, que se senta. Logo depois, ele senta também. Carlos observa como se estivesse aprendendo com aquilo. Ele copia os movimentos de Lucas e faz o mesmo com Soraia, porém, sem a mesma delicadeza. Os dois se sentam também.

CARLOS

Desculpe. E você, como está?

SORAIA

Bem também. Obrigada por perguntar.

Ela sorri para ele o tempo todo. Ele ri um sorriso tímido em retribuição, as vezes.

Carlos continua suando.

CARLOS

Com licença, eu já volto.

Ele se levanta e vai em direção ao banheiro.

BANHEIRO

Carlos está na frente do espelho, encarando seu reflexo. Ele abre a torneira, molha as mãos e passa no rosto. Pega umas toalhas de papel e seca as mãos e o rosto. Continua olhando para si mesmo.

CARLOS

Calma. Você consegue. Fica calmo.
Vai dar tudo certo.

Ele fala para sua imagem no espelho, respirando fundo.

CARLOS

Não seja frouxo. É só abrir a boca
e falar. Vai dar tudo certo.

Ele fecha os olhos e respira fundo novamente.

Carlos SAI do banheiro.

RESTAURANTE

Todos estão sentados, conversando entre si e rindo, enquanto comem e bebem.

Carlos está um pouco mais a vontade. Ele ouve mais a conversa do que participa dela. Rindo e balançando a cabeça de vez em quando. Todos estão se divertindo.

Após um tempo, eles olham no relógio e percebem que o tempo passou mais rápido do que pensaram.

JANINE

Caramba. O tempo voou e nós nem vimos. Já vai dar meia noite.

SORAIA

Sério? Preciso ir pra casa então. Se eu demoro demais, meus pais me matam.

LUCAS

Mas ainda está cedo, gente. Vamos ficar mais um pouco. O papo tá tão legal.

JANINE

Não podemos. É sério. Vou dormir na casa da Soraia e os pais dela

realmente vão nos matar se a gente demorar mais.

Elas riem, fazendo careta.

Eles pedem a conta ao garçom, pagam e se levantam, indo em direção à porta do restaurante.

Lucas está indo na frente, de mãos dadas com Janine e Carlos mais atrás com Soraia. Ele está com as mãos nos bolsos e olhando para baixo. Ela também olha para baixo, com as mãos cruzadas. Os dois sorriem para si mesmo.

Quando todos chegam na porta, eles param.

CENA 18. EXT - PORTA DO RESTAURANTE - NOITE

LUCAS

Certeza que não podemos ir pra outro lugar?

SORAIA

Dessa vez não. Vamos deixar para a próxima.

Ela sorri para Lucas e para Carlos.

LUCAS

Onde você mora? Podemos levar vocês.

SORAIA

Eu moro aqui pertinho. Vamos à pé mesmo.

LUCAS

Mas é claro que não. Nós vamos acompanhar vocês. Nunca deixariamos vocês irem sozinhas, uma hora dessas. Jamais.

Janine abre um grande sorriso.

JANINE

Ótimo então. Vamos, né? Tá meio frio aqui.

Ela passa as mãos pelos braços, se encolhendo. Olha para Lucas. Ele sorri e passa o braço em volta dos ombros dela. Eles começam a caminhar como antes; Lucas e Janine na frente, Carlos e Soraia atrás.

EXT - RUA - NOITE

Carlos e Soraia andam por um instante em silêncio, enquanto Lucas e Janine tagarelam um pouco mais à frente. Todos andam devagar.

CARLOS

Éeeh! Então. O que você mais gosta de fazer?

Soraia olha para ele surpresa e então, sorri.

SORAIA

Ah! Eu gosto de muitas coisas, sabe? Gosto de ir ao cinema. Gosto de ouvir música. Gosto de ler também. E você?

Carlos olha para frente, enquanto fala.

CARLOS

Eu não tenho muitos hobbies. Gosto muito de ficar em casa, estudando. Eu amo matemática. Qual tipo de filme, livro e música que você gosta?

SORAIA

Eu gosto de tudo quanto é tipo de filme, mas prefiro os de romance ou drama. Os Livros eu gosto de romance também, acho lindo. E música, não tenho uma preferência. Sou bem eclética. Você não faz nada além de estudar?

CARLOS

As vezes. De vez em quando eu saio com o Lucas, mas prefiro quando ele vai lá em casa. Não sou muito de sair. E eu realmente gosto de estudar.

SORAIA

Nossa! Você deve perder toda a diversão estudando tanto.

Carlos ri, pela primeira vez na frente dela, sem timidez.

CARLOS

Minha mãe me diz a mesma coisa.

Eles continuam conversando até chegar à porta da casa de Soraia.

Todos param, mas os casais ficam meio afastados, dando-se privacidade.

Lucas e Janine começam a se beijar loucamente. Carlos e Soraia ficam constrangidos.

Depois de uns instantes quietos, Soraia quebra o silêncio.

SORAIA

Então é isso. A noite foi ótima. Eu gostei muito.

Ela ri timidamente pra ele.

CARLOS

Foi mesmo. Eu também gostei.

SORAIA

Nos vemos depois então?

CARLOS

Claro! A gente se vê.

Eles ficam mais um tempo em silêncio, olhando um para o outro.

Depois de um instante, Soraia se inclina para Carlos e o beija, delicadamente. Ele arregala os olhos, surpreendendo-se. Depois fecha-os, tira uma das mãos do bolso e a coloca na cintura de Soraia.

Ela se afasta, depois de um tempo com o olhar evnergusonado. Carlos também está corado. Os dois sorriem.

SORAIA

Até mais.

Ela dá um selinho nele. Em seguida, vai até Janine e puxa a amiga.

SORAIA

Vamos Jan. Hora de dar tchau de novo.

Janine e Lucas tentam se beijar novamente, sem sucesso, enquanto Soraia a arrasta para a casa.

LUCAS

Tchau, gata. A gente se vê.

Ele solta um beijo para ela e pisca um dos olhos. Janine abre um largo sorriso e solta um beijo em resposta também. As duas ENTRAM em casa.

Eles observam enquanto elas ENTRAM.

Lucas vai até Carlos, que está com uma das mãos tocando os lábios e sorrindo.

LUCAS

Éeeeh, amigãaaaao! Parece que alguém se deu bem hoje, heeeein?

Lucas solta várias gargalhadas, tirando Carlos do seu estado de transe.

Carlos olha para ele meio atordoado e também ri, envergonhado.

Os dois caminham lado a lado em silêncio.

CENA 19. INT - CASA DE MARTA - NOITE

SALA

Marta está sentada no sofá, assistindo tv, enquanto Roberto dorme no seu colo. Ela escuta alguém mexer na fechadura e olha para a porta.

Carlos ENTRA em casa, fechando a porta atrás de si.

MARTA

Oi amor. Como foi o encontro?

Carlos olha para ela, sem realmente vê-la, sorrindo abobalhado.

CARLOS

Foi maravilhoso.

Ele se vira e vai para o quarto.

Marta dá um enorme sorriso e seus olhos se enchem de água, enquanto vê o filho se afastar. Ela continua olhando o nada por um momento, depois vira-se para a televisão novamente e continua assistindo.

CENA 20. INT - CASA DE MARTA - NOITE

QUARTO DE CARLOS

Carlos está deitado na cama, de barriga pra cima, com os braços abertos. Ele fita o teto sorrindo.

(Música Stop The Clocks - L.A. da cena 21 a 25)

CENA 21. INT - CASA DE MARTA - DIA

QUARTO DE CARLOS

Carlos está sentado em sua escrivaninha, com o notebook aberto, estudando. Enquanto isso, Soraia está deitada em sua cama lendo um livro. Ela fecha o livro, se levanta da cama, vai até Carlos e o abraça por trás. Ele vira o rosto para olhar para ela e sorri. Ela o beija nos lábios e depois dá vários beijos por seu rosto e pescoço, enquanto ele solta uma gargalhada.

CENA 22. INT - REITORIA DA UNIVERSIDADE - DIA

É a colação de grau de Carlos. A sala está razoavelmente vazia. Apenas, ele e mais alguns alunos esperam para pegar o diploma. Todos estão sentados, um ao lado do outro. O nome de Carlos é chamado. Marta, Roberto, Soraia, e Lucas aplaudem, muito felizes e eufóricos, ao ouvir o nome dele. Ele se levanta e vai em direção a mesa. Chegando a frente da banca, cumprimenta os dois homens e uma mulher que estão sentados. Ele pega o canudo e senta-se novamente no seu lugar.

CENA 23. INT - SALETA NA IGREJA - NOITE

Soraia está vestida de noiva, de frente para um espelho. Ela olha o reflexo sorrindo e passando a mão pelo vestido.

Janine e Marta estão com ela no quarto, rindo e conversando. Marta pega uma câmera e tira fotos de Soraia, que faz várias poses. Janine tira algumas fotos com a noiva, depois dirige-se à Marta, pegando a câmera. Ela tira algumas fotos de Marta com Soraia.

Uma mulher parecida com Soraia, porém mais velha, ENTRA na sala. Para de frente pra ela e começa a chorar e rir ao mesmo tempo. Soraia vai em direção à mulher e a abraça.

CENA 24. INT - CASA DE CARLOS - DIA

QUARTO DO CASAL

Soraia está sentada na cama, com um bebê no colo. Ela está amamentando. Carlos está sentado ao seu lado. Ele parece nervoso e um tanto desorientado. Soraia sorri para ele e lhe entrega o bebê. Ele está com o olhar apavorado e prende a respiração enquanto o segura. Marta SAI do quarto. Carlos olha para o bebê nos seus braços, mas não sorri. Ele nem se mexe. Lágrimas rolam pelos olhos dele.

CENA 25. INT - CASA DE CARLOS - NOITE

SALA

Marta está com um bebê no colo, balançando-o para acalmá-lo. O bebê chora muito. Enquanto isso, ARTUR, 4 anos, branco e magro, com cabelos lisos e pretos, está sentado em frente a Tv, assistindo desenho. Está bastante concentrado.

Carlos ENTRA em casa e ao ver Soraia, abaixa os olhos. Ela vira o rosto na direção oposta à dele e lágrimas escorrem do seu rosto.

Artur, ao perceber a chegada do pai, corre em direção à ele e abraça sua perna. Carlos não demonstra reação. Dá uns tapinhas na cabeça do filho, que olha pra ele sorrindo. Ele retribui um sorriso triste e depois SAI da sala. Marta ri um riso triste para o garoto, que volta cabisbaixo para a frente da tv.

(Fim da música)

CENA 26. INT - CASA DE CARLOS - NOITE

SALA DE ESTAR

CARLOS, 52 anos, alto, um pouco barrigudo, cabelos grisalhos e olhos pretos, está sentado em uma poltrona, lendo um livro sobre as moedas do mundo. Está bastante concentrado.

SORAIA, 50 anos, magra, cabelos claros e ondulados entra na sala.

SORAIA

Carlos, seu filho ainda não chegou da rua. Olha a hora. Artur não quer saber de nada da vida. Terminou a escola depois de muito sacrifício. Depois disso, não quis mais saber de estudos. Agora só vive na rua, com esses amigos que são péssima influência, andando naquela moto à mil. Maldita hora que a gente inventou de dar aquilo pra ele.

Carlos levanta os olhos para olhar a mulher, mas volta a ler o livro. Soraia anda de um lado para outro, na frente dele, indignada.

SORAIA

Você não vai me dizer nada? Vai continuar vivendo a vida como se nada estivesse acontecendo?

Carlos pega um marca páginas, coloca na página que está lendo, fecha o livro e olha para Soraia, ainda tranquilo.

CARLOS

Amor, o que você quer que eu faça? Você sabe que o motivo de toda essa rebeldia sou eu.

O semblante dele agora é de tristeza.

SORAIA

Meu bem, não é justo ele fazer tanta merda e colocar a culpa em

você. Você não tem culpa de nada, ele precisa entender isso.

CARLOS

De certa forma, eu tenho sim. Nunca consegui ser pra ele o pai que ele precisava. Nunca consegui dar a atenção que ele merecia. Tudo isso por conta de uma doença que eu nem sabia que tinha.

SORAIA

Primeiro. Você não é doente. Ser autista não é ser doente. Não fale mais isso.
Segundo. Luise foi criada do mesmo jeito que ele, nem por isso você vê ela tendo as mesmas atitudes do irmão. Muito pelo contrario. Ela é extremamente carismática e atenciosa com você, como os filhos devem ser. Ela entende o que você passa. Tanto é que tá estudando pra ajudar pessoas como você.

CARLOS

É, eu sei. Agradeço à Deus todos os dias pela filha que tenho. Alias, agradeço todos os dias pela família que tenho. Queria poder conseguir demonstrar 10% do amor e afeição que sinto por vocês, mas eu travo e não consigo.

Carlos começa a chorar em silêncio. Ele passa as mãos nos olhos, para enxugar as lágrimas.

Soraia senta em seu colo e o abraça.

SORAIA

Eu sei você nos ama, meu amor. Não precisa ficar assim. Vai ficar tudo bem. Nós vamos ficar bem. Tenho fé.

Eles ficam abraçados e em silêncio por um momento.

A porta da frente se abre. Artur, 24 anos, pardo, cabelos castanhos, alto e musculoso, entra cambaleado e fechando a porta atrás de si.

Quando vê os pais, acena com os dedos e diz, ironicamente.

ARTUR

Que lindinho! Arrumem um quarto, pombinhos.

Soraia se levanta.

SORAIA

Nós precisamos conversar. E dessa vez é serio.

ARTUR

Sinto te contrariar, mãezinha. Mas eu não tenho nada pra falar com você.

CARLOS

Filho, escute sua mãe. Nós estamos preocupados com você.

ARTUR
(gritando)

Preocupados? Você nunca se preocupou comigo, pai. Depois de tantos anos você vem querer dar uma de bom pai?

Carlos abaixa a cabeça. Lágrimas rolam pelo seu rosto.

SORAIA

Fala baixo, sua irmã tá dormindo. Diferente de você, ela estuda e precisa acordar cedo.

ARTUR

Ah, claro. Santa Luise! A queridinha de todos. Me poupe! Vou dormir que eu ganho mais.

Artur SAI cambaleando da sala. Soraia tenta ir atrás dele.

SORAIA

Ei, volte aqui! Essa conversa ainda não acabou.

CARLOS

Deixa ele ir. Não vai adiantar conversar com ele nesse estado.

Soraia volta, senta no sofá e segura a cabeça entre as mãos, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

SORAIA

Onde foi que erramos, hein?

CARLOS

Você não errou em nada, Soraia. O erro todo foi meu.

CENA 27. INT - CASA DE CARLOS - DIA

COZINHA

Carlos, Soraia e Luise, 20 anos, branca, cabelos pretos, olhos verdes, baixinha e magra, parecida com Carlos, estão sentados na mesa tomando café da manhã.

LUISE

Pai, hoje é dia de consulta, né?

Carlos assente com a cabeça, enquanto passa manteiga em uma banda de pão.

LUISE

Beleza. Que horas? Quero ir com você.

CARLOS

Não precisa, filha. Já tenho minha rotina certinha e você tem a sua.

LUISE

Não, pai. Eu quero ir. Por favor, deixa. Nunca te pedi nada. Deixa, deixa, deixa.

CARLOS

Porque quer tanto ir comigo? Você não tem nada melhor pra fazer?

LUISE

É porque quero me familiarizar com a rotina de consultório, pacientes e tal.

CARLOS

Mas você sabe que não vai poder entrar no consultório comigo. Então qual a diferença.

LUISE

Ah, mas pelo menos eu posso te fazer companhia. Ia ser legal, né? Depois a gente pode ir tomar um sorvete. Que tal?

Carlos olha pra Soraia, como se pedisse que ela intervisse na conversa por ele.

Ela sorri, assentindo como se entendesse o recado.

SORAIA

Lu, deixa o seu pai ir na consulta dele. Pra ele é importante fazer as coisas como ele já tá acostumado. Porque não tomamos sorvete nós duas? A gente pode dar uma passada no shopping, preciso comprar umas coisas.

Luise revira os olhos.

LUISE

Aaaai! Tá bom então. Sendo assim, quero ganhar alguma coisa do shopping. Vi uma blusinha lá esses dias que eu fiquei apaixonada.

Soraia sorri, revirando os olhos.

SORAIA

Vou pensar no seu caso. Tenho uma audiência 2 horas. Umás 3:30 passo pra te buscar. Esteja pronta, senão não tem blusinha certa.

Artur entra na cozinha, de bermuda e sem camisa, esfregando os olhos e bocejando. Leves olheiras em volta dos olhos. Ele senta na mesa.

ARTUR

E eu ganho o quê nessa brincadeira?

Soraia aperta os olhos e fita o filho.

SORAIA

Você, senhor Artur, não tá merecendo nem um alfinete. Tá achando que eu esqueci o estado que você chegou em casa ontem?

ARTUR

Mãe, por favor. Eu tô de ressaca. Sermão uma hora dessas da madrugada não, né?

Soraia levanta da mesa, com um prato e uma xicara na mão e os coloca dentro da pia.

SORAIA

Toma vergonha, Artur. Já são quase 10 da manhã.

ARTUR

Isso pra mim é madrugada, ué.

Artur cutuca Luise várias vezes, que olha pra ele impaciente, revirando os olhos. Ele aponta com o queixo para uma banda de mamão, do outro lado da mesa. Ela pega e entrega pra ele, depois levanta da mesa com seu prato e xicara nas mãos.

LUISE

Tem lingua mais não? Aff!

Ela coloca o prato e a xicara dentro da pia.

ARTUR

Já acorda de mal humor, avemaria.

Luise dá um peteleco no pescoço do irmão, que começa a rir. Carlos continua tomando seu café em silêncio.

Soraia volta para a mesa, dá um selinho em Carlos, um beijo na cabeça de Artur e outro beijo na bochecha de Luise, que está escorada no balcão.

SORAIA

Preciso ir. Comportem-se, hein?

Ela fala olhando especialmente para Artur, que retribui com um sorriso cínico. Soraia SAI da cozinha.

Luise vai em direção ao pai, dá um beijo em sua testa e mostra a língua para o irmão. Ela também SAI da cozinha.

Carlos e Artur ficam em silêncio, cada um com seu café.

Carlos olha para o filho, que ignora sua presença.

CARLOS

Filho, sua mãe e eu estamos preocupados com você.

Artur para o que está fazendo e fita Carlos.

ARTUR

Preocupados porquê? Não tem nada com o que se preocupar.

CARLOS

Com sua vida, filho. Estamos preocupados com o rumo que sua vida vem tomando.

ARTUR

Pai, na moral. Essa não é uma conversa que eu quero ter, uma hora dessas da manhã, ainda mais com você.

CARLOS

Desculpa. Sei que errei muito com você e que não fui o melhor pai do mundo. Mas sua mãe não tem culpa disso.

ARTUR

É um pouco tarde pra pedir desculpas, cê não acha não?

CARLOS

Nunca é tarde pra algumas coisas.

ARTUR

Bom pra mim é. E esse papo também já deu. Tenho mais coisa pra fazer.

Artur levanta, deixando o prato e a xicara da mesa. Ele SAI da cozinha.

Carlos respira fundo, fitando o nada, pensativo. Ele fica por um instante sentado na mesa sozinho. Depois levanta, pega seu prato e sua xicara, o prato e a xicara que Artur usou, leva todos para a pia e começa a lavar.

CENA 28. INT - CASA DE CARLOS - DIA

QUARTO DE LUISE

Luise está arrumando seu guarda-roupa. Artur entra no quarto e deixa na cama, com as mãos em baixo da cabeça e os pés cruzados. Luise continua arrumando, sem olhar para ele, enquanto fala.

LUISE

Existe um costume chamado bater na porta. Nunca ouviu falar não?

ARTUR

Não. Eu não tive educação. Sou tipo um desses caras das cavernas.

LUISE

Que cê quer? Pra tá no meu quarto deve tá querendo alguma coisa.

ARTUR

Nada, ué. Só tava com saudades de você.

LUISE

Ai, Tu! É bem você mesmo que tem todo esse sentimentalismo. Fala logo!

ARTUR

Só queria trocar uma ideia. Sobre o papai.

LUISE

Bom! Porque também queria falar com você sobre isso. Porque trata ele tão mal?

ARTUR

Sabe que nem eu sei? É automático. Sei lá, eu tenho uma mágoa dele tão grande, tenho raiva, tenho várias coisas.

LUISE

Mas porque isso?

ARTUR

Ué, Lu. Papai nunca foi presente com a gente. Sempre tentei interagir com ele, mas ele sempre tava todo distante. Tava lá só no corpo, mas a mente longe. É foda.

LUISE

Mano, ele tem síndrome de Asperger. Pessoas autistas são assim mesmo. Isso não quer dizer que ele não te ame, que não se importe com você. Tem que entender isso, ser mais compreensivo.

ARTUR

Tô ligado. Mas é mais forte do que eu.

LUISE

Faz o seguinte, pesquisa um pouco sobre isso depois. Vê uns filmes, lê uns livros. Cê vai entender melhor. Asperger é diferente de autismo, apesar de fazerem parte de um mesmo tipo de transtorno. Só que o que o papai tem é mais leve, mais sutil. Sem contar que muitos casos de autismo estão associados com retardo mental e o papai não tem essa sintomatologia. E além do mais...

ARTUR

(interrompendo Luise no meio da sua fala)

Pelo amor de Deus, Luise! Não preciso de uma aula. Só queria conversar.

LUISE

Ué! E eu só tô te explicando. Muitas pessoas confundem uma síndrome com a outra. Faz o que eu disse, vai pesquisar.

ARTUR

Talvez. Vou pensar no caso. As vezes dá vontade de trocar ideia com ele, mas tenho medo dele não ligar e eu me decepcionar mais ainda.

LUISE

Dá tempo pra ele. Ele tá fazendo a terapia, logo logo surte efeito e as coisas vão melhorando.

ARTUR

Tomara.

LUISE

Agora se pica do meu quarto. Tô arrumando, não quero você desfazendo o que eu já fiz.

Artur levanta da cama sorrindo.

ARTUR

Melhor eu ir mesmo, antes que você me passe essa sua mania de limpeza e arrumação. Cruzes!

Ele vai até Luise, dá um beijo na testa dela e SAI do quarto.

CENA 29. INT - CONSULTÓRIO - DIA

SALA DE ESPERA

Carlos está sentado numa cadeira, com uma revista nas mãos. Próximo à ele, uma moça está sentada em uma mesa, na recepção. Ela é magra, tem cabelos loiros e cacheados e está levemente maquiada. O telefone toca, ela atende.

SECRETÁRIA

Está certo.

Ela desliga o telefone, levanta e vai em direção à Carlos.

SECRETÁRIA

Senhor Carlos, o doutor está esperando. Pode vir.

Carlos fecha a revista, coloca na cadeira ao lado, se levanta e segue a moça, que abre uma porta e faz um gesto para que ele entre. Carlos ENTRA e ela fecha a porta, voltando para sua mesa.

CONSULTÓRIO

Carlos cumprimenta o psicólogo antes de se sentar. Ele está sentado atrás de uma mesa.

Seu nome é Aldo, 43 anos, estatura mediana, nem gordo e nem magro, moreno e careca.

ALDO

Oi Carlos. Como está?

CARLOS

Tudo indo, doutor.

ALDO

Pode sentar, fique a vontade. Me conte, o que aconteceu desde a ultima vez que nos vimos?

CARLOS

Não mudou muita coisa não, doutor. Meu filho continua me odiando. Minha mulher e minha filha tentam remediar a situação, mas não adianta muito.

ALDO

Você precisa dar tempo ao tempo, Carlos. Seu diagnostico ainda é algo recente, provavelmente o Artur ainda não se familiarizou com isso.

CARLOS

É, pode ser. Mas não sei. Algo me diz que ele nunca vai me perdoar por tão ter sido o pai que ele merecia.

ALDO

Não pense negativamente. Cada coisa no seu tempo. Não adianta forçar a barra nem apressar as coisas. Aos poucos tudo vai se encaixando. Deixe o Artur a vontade. Uma hora ele vai baixar a guarda.

CARLOS

Deus te ouça, doutor. Amo tanto meu filho, minha familia. Me parte o

coração saber que da parte dele não é recíproco.

ALDO

Acredito eu que seja sim recíproco, mas da maneira dele. Ele ainda tem mágoa do passado e isso dificulta o relacionamento de vocês. Mas isso não quer dizer que não vá acontecer uma mudança. Como eu disse, dê tempo ao tempo que tudo vai ficar bem.

CENA 30. EXT. - PORTA DA CLÍNICA - RUA

Carlos está saindo da clínica e caminha pela calçada. Um pouco mais a frente, ele passa mal e apoia a mão na parede para não cair. Um rapaz que passava por ele, tenta ajudá-lo, segurando em seu braço.

RAPAZ

O Senhor tá bem? Quer que chame uma ambulância?

Carlos olha assustado para o rapaz, quando ele toca em seu braço. Ele tenta esquivar, mas não consegue.

CARLOS

Não, eu estou bem. Obrigada. Só preciso respirar um pouco.

RAPAZ

Quer que eu ligue pra alguém pra
buscar o senhor?

Carlos tira o celular do bolso e entrega para o rapaz.

CARLOS

Tá na discagem automática 1. É a
minha mulher.

O rapaz liga e espera alguém atender. Pouco tempo depois,
ele tira o celular da orelha e disca novamente.

RAPAZ

Ninguém está atendendo. Só dá
ocupado.

Ele devolve o celular e Carlos o coloca novamente no bolso.

CARLOS

Tudo bem. Eu vou ficar bem.
Obrigada, rapaz.

RAPAZ

Por nada.

O rapaz volta a caminhar pela rua.

Carlos fica mais uns instantes encostado na parede e depois
volta a andar. Ele atravessa a rua e senta em um ponto de
ônibus próximo.

CENA 31. EXT - RUA - DIA

Artur está em uma grande avenida, sem movimento, com os amigos. Muitas motos estão paradas pela avenida e muitas pessoas andam de um lado para o outro. Alguns grupinhos de amigos perto das motos, conversando e rindo.

Artur pega um capacete e vai em direção à um homem baixinho, mas muito musculoso, encostado do outro lado da rua, em uma moto.

ARTUR

E aí, vamo?

HOMEM 2

Vamo pra onde, franguinho?

ARTUR

Quero saber se vamo correr hoje. Ou
cê tá com medo?

HOMEM 2

Você não aguenta comigo, sabe
disso.

ARTUR

Olha que eu acho que aguento sim.

HOMEM 2

Tem certeza? Não quero problemas pra mim depois.

Artur apenas assente com a cabeça e coloca o capacete, dá meia volta e vai em direção à sua moto.

O Homem 2 dá um sorriso de canto de boca. Beija uma menina que estava ao seu lado, senta na moto e arranca, parando ao lado de Artur. O Homem 2 olha para ele e dá um largo sorriso. Artur, vendo que ele não está de capacete, tira o seu e entrega para o amigo.

AMIGO 1

Tá maluco, cara? Coloca esse capacete aí.

ARTUR

Não posso. Ele tá sem capacete tbm. Não dá pra ficar por baixo.

AMIGO 1

Cara, você é louco. Isso vai dar merda.

ARTUR

Relaxa. Vou vencer esse manê.

Uma menina vai para a frente das motos, com um pano vermelho nas mãos. Ela balança o pano de um lado para o outro, acima

da cabeça. Alguns instantes depois, abaixa o pano e as duas motos saem em disparada, à toda velocidade.

Eles andam toda a avenida, fazem as curvas com muita agilidade. Estão praticamente emparelhados. As vezes Artur fica à frente, mas logo o Homem 1 passa dele.

Em uma curva, o Homem 2 encosta bastante em Artur e dá um empurrão em sua moto com o pé. Artur cambaleia com a moto e cai no asfalto, rolando várias vezes para um lado e sua moto deslizando para o outro. As pessoas correm em direção à ele. O primeiro a chegar é o seu amigo que estava com o capacete. O rapaz abaixa para ver como Artur está e percebe que ele está desacordado.

AMIGO 1

Alguém liga pra uma ambulância,
Rápido.

Ninguém se mexe, ficam apenas olhando.

AMIGO 1
(gritando)

Anda, porra. Alguém chama uma merda
de uma ambulância, ou ele pode
morrer.

Uma menina tira o celular da bolsa e liga para a ambulância.

CENA 32. INT - SHOPPING - DIA

Soraia e Luise estão andando pelo shopping, entram e saem das lojas. Elas seguram algumas sacolas.

O telefone de Soraia toca e ela atende, enquanto anda.

SORAIA

Alô? Sim, ela mesma. Quem gostaria?

Soraia para e seu rosto é de choque. Luise para e olha assustada para a mãe.

SORAIA

Meu filho? Como foi isso? Tá certo. Já estou indo.

Antes de terminar de falar, ela já estava correndo. Luise corre atrás da mãe, perguntando o que aconteceu, mas Soraia não responde.

CENA 33. INT - HOSPITAL - NOITE

Soraia entra correndo pelas portas do hospital, com Luise atrás dela. Ela vai em direção à recepção, chorando.

SORAIA

Meu filho, o que aconteceu com meu filho?

RECEPCIONISTA

Quem é seu filho, senhora?

SORAIA

Artur, o nome dele é Artur. Onde ele está?

RECEPCIONISTA

Aguarde um pouco que eu vou verificar.

SORAIA
(gritando)

Não, eu não posso aguardar nada. Me diz onde ele tá.

RECEPCIONISTA

Senhora, por favor se acalme. Já volto pra te dar notícias.

SORAIA
(chorando copiosamente)

Pelo amor de Deus, moça. Me diz onde meu filho tá.

A recepcionista SAI.

Luise abraça a mãe, que chora compulsivamente. Ela também chora, mas tenta se controlar para amparar Soraia. As duas sentam em uma cadeira e aguardam.

Pouco depois, a recepcionista volta, com um médico ao seu lado e vai em direção à elas. Elas se levantam.

MEDICO

Boa noite. Sou o Dr. Rubens. A Senhora é a mãe do Artur?

SORAIA

Sim, sou eu. Ele tá bem?

MÉDICO

Seu filho sofreu um acidente de moto muito grave. No momento ele se encontra em coma. Estamos fazendo de tudo para estabilizá-lo, mas, sinto informar que o quadro dele é grave, pois bateu a cabeça no chão.

Soraia cai no chão, chorando. Luise tenta acalmá-la.

CENA 34. INT - CASA DE CARLOS - NOITE

Carlos ENTRA em casa. Todas as luzes estão apagadas. Ela anda pela casa, entrando nos cômodos, procurando por alguém, mas não encontra.

CARLOS

Soraia? Luise? Artur?

Depois de um tempo, ele senta-se em sua poltrona e pega um livro. Começa a ler.

O telefone toca. Ele olha para o telefone e deixa tocando. Poucos minutos depois, o telefone toca novamente e mais uma vez, ele não se levanta para atender.

Mais uma vez, o telefone toca. Dessa vez, ele se levanta para atender.

CARLOS

Alô? Lu? Calma, não consigo entender. Quando isso? Porque não me avisaram antes? Tá certo. Daqui a pouco eu chego aí.

Carlos desliga o telefone.

Ele volta a se sentar na poltrona. Fica um tempo em estado de choque e depois começa a chorar e gritar, atordóado.

CENA 35. INT - HOSPITAL - NOITE

Carlos ENTRA no hospital e logo vê Luise e Soraia sentadas. Vai até elas, e senta-se ao lado. Ele fica alguns instantes parado, olhando para frente.

CARLOS

O que aconteceu, realmente?

LUISE

Ele sofreu um acidente grave de moto. Bateu a cabeça com força no chão e agora está em coma. Parece que ele tava disputando racha com um outro cara.

CARLOS

Sabia que tinha algo errado. Não passei mal atôa.

LUISE

Você passou mal, pai?

CARLOS

Eu tô bem, só tive um mal estar. Acho que foi algum sinal, não sei.

Soraia fica o tempo todo em silêncio, chorando. Carlos a abraça.

CARLOS

Posso vê-lo?

LUISE

Acho que sim. Vou ver com a moça ali.

Luise vai em direção ao balcão, deixando Carlos e Soraia abraçados. Os dois permanecem em silêncio.

Luise volta.

LUISE

Vamo, pai. Vou te levar lá.

Carlos dá um beijo na testa da esposa e segue a filha.

CENA 36. INT - HOSPITAL - NOITE

QUARTO DE HOSPITAL

Luise ENTRA com Carlos no quarto. Artur está deitado na cama, inconsciente e entubado. Carlos chora ao ver o filho naquele estado. Os dois ficam um tempo em silêncio.

CARLOS

Lu, posso ficar um tempo sozinho com ele?

LUISE

Acho que sim. Daqui a pouco eu volto então.

Luise SAI do quarto.

Carlos puxa uma cadeira e senta ao lado da cama. Fica em silêncio olhando para o filho, por um momento.

Artur abre os olhos e vê o pai, sentado ao seu lado, olhando para ele.

ARTUR

Pai? Onde eu tô?

Carlos não responde, continua o encarando. Artur olha ao redor do quarto, como se não entendesse nada. Ele leva as mãos à cabeça e faz uma careta de dor.

ARTUR

Ai! Que aconteceu comigo? Eu não lembro de nada.

Carlos toca a mão do filho, de leve, mas logo cruza os braços. Artur se assusta ao sentir o toque do pai. Ele se levanta da cama, mas ao olhar para ela, vê que ainda está deitado lá, de olhos fechados. Carlos continua sentado, olhando para o rapaz deitado na cama. Artur não entende nada e começa a chorar.

ARTUR
(GRITANDO)

Ai meu Deus! Eu morri? É isso?

Carlos começa a chorar, compulsivamente e soluçando. Artur olha pra ele assustado.

ARTUR
(GRITANDO)

Pai! Eu tô aqui! Olha pra mim!

Artur toca em Carlos, mas ele parece não sentir. Ela tenta balançá-lo, mas não consegue.

CARLOS

Ô meu filho, como eu queria que fosse eu aí no seu lugar. Se você soubesse o quanto eu gostaria de ter sofrido esse acidente por você, só pra não te ver nesse estado. Eu te amo tanto. Ah, se você soubesse.

Artur senta no chão, segurando a cabeça entre os joelhos e chorando. Carlos olha para o teto, com lágrimas nos olhos.

CARLOS

Ô meu Deus! Não leva o meu filho não. Eu ainda tenho muita coisa pra dizer pra ele, ainda preciso do perdão dele. Se precisar levar alguém, me leva então. Mas ele não, por favor.

Artur olha para a porta do quarto e percebe que um homem está parado, observando tudo, em silêncio.

Ele é moreno, alto, com músculos definidos, cabelos pretos curtos e olhos verdes. Está vestido com uma calça branca e uma camiseta larga, bege. Está descalço.

ARTUR

Quem é você? Você é o médico? O que é que eu tenho?

HOMEM 3

Vem comigo. Preciso te mostrar uma coisa.

Artur se levanta e vai em direção ao Homem 3, que abre a porta, dando passagem para ele. Artur SAI do quarto, com o homem atrás dele, que fecha a porta.

CENA 37. EXT - RUA - DIA

Artur e o Homem 3 estão na avenida onde aconteceu o acidente. Ele não sabe como chegou ali. Olha para trás e não vê mais a porta do quarto, por onde acabou de sair. Eles caminham pela avenida. Artur se vê, ao longe, sentado em sua moto, com seus amigos do lado. Ele se vê entregando o capacete para seu amigo, ligando a moto e saindo em disparada. Ele assiste tudo e, ao se ver caindo da moto, faz uma careta de dor e leva uma das mãos à cabeça.

ARTUR

Foi isso que aconteceu comigo? Não consigo me lembrar.

O homem 3 assente. Eles continuam caminhando e assistindo tudo que aconteceu.

ARTUR

Mas afinal de contas, quem é você?

HOMEM 3

Eu sou apenas um amigo. Vim tentar te ajudar, Artur. Você quase morreu hoje, mas acho que ainda não está pronto pra isso. Você recebeu uma segunda chance, mas depende de você aproveitá-la ou deixa-la escapar.

ARTUR

Então você é Deus? Jesus? Essas coisas?

O homem 3 ri e não responde.

HOMEM 3

Vamos. Você tem que ver algumas coisas antes de voltar pra sua vida.

Eles caminham, deixando para trás a avenida e o acidente.

Artur olha para trás.

HOMEM 3

Não precisa olhar pra trás. A vida tá ali na frente.

Artur assente e volta a caminhar, ao lado do homem 3. Eles dobram a esquina da avenida.

CENA 38. EXT - RUA - DIA

Artur e o Homem 3 estão na frente de um colégio antigo.

ARTUR

Eu conheço esse lugar. Meu pai estudou aqui.

Eles param na frente do colégio e veem uma criança sentada, chorando, com um rapaz ao lado, tentando acalmá-lo.

HOMEM 3

Esse é seu pai, Artur. Sabe porque ele está chorando?

ARTUR

O que aconteceu?

HOMEM 3

Ele sofria algo que vocês chamam de bullying. Os colegas o rejeitavam por ele ser quem é. Não foi nada fácil pra ele crescer assim.

Lágrimas rolam pelo rosto de Artur.

ARTUR

E ninguém fazia nada?

HOMEM 3

Naquela época era difícil lidar com esse tipo de coisa. Nos dias atuais as pessoas tem muito mais

informação do que antigamente. Seu pai cresceu sem saber o que ele tinha. Ele sempre achou que fosse anormal, uma aberração. Vamos, ainda tenho que te mostrar algumas coisas.

Eles entram na escola, passando pelo menino e pelo rapaz.

CENA 39. INT - CANTINA - DIA

Quando passam pela porta, entram em uma cafeteria. Eles ficam parados, em frente à uma mesa, onde quatro pessoas estão sentadas.

ARTUR

Esses são meus pais?

HOMEM 3

Sim. Aqui foi onde tudo começou. Eles se gostaram um do outro desde a primeira vez que se viram.

Artur sorri.

ARTUR

Nossa! Eles eram jovens. Minha mãe era bem mais bonita.

O homem 3 dá uma gargalhada.

HOMEM 3

Seus pais são muito mais bonitos hoje, Artur. Você teria que ver as almas deles, pra conseguir enxergar a beleza que eles tem.

O homem 3 volta a andar. Artur fica por um instante, olhando para seus pais. Depois corre em direção ao homem para acompanhá-lo.

ARTUR

E como eu faço pra conseguir ver a alma deles?

HOMEM 3

Você vai saber, jájá.

O Homem 3 abre uma porta e faz um gesto com a mão, para Artur entrar.

CENA 40. INT - CASA DE CARLOS - NOITE

SALA DE TV

Artur se vê, aos 4 anos, sentado na frente da TV, assistindo. Sua mãe está em pé, ninando um bebê que chora muito. Alguns instantes depois, seu pai ENTRA em casa e ele se vê correndo para Carlos.

ARTUR

Eu me lembro disso. Essa não foi a primeira e nem a última vez que ele não soube me dar atenção.

Ele chora e seu olhar é de raiva. O Homem 3 coloca a mão em seu ombro, para confortá-lo.

HOMEM 3

Tenha calma. Deixa toda essa raiva sair. Ela não te faz bem.

O Homem 3 o abraça e Artur chora em seu ombro, soluçando.

Instantes depois, eles seguem Carlos, que vai para o quarto.

QUARTO

Carlos senta na cama, chorando.

CARLOS

Porque eu sou assim, meu Deus? Meu filho vem sorrindo, me abraçando. E eu continuo sem conseguir demonstrar minhas emoções, sem conseguir retribuir o abraço dele, sem conseguir dar o carinho que ele merece. Eu não quero ser assim. Não aguento mais. Eu tô fazendo minha mulher e meus filhos sofrerem. Acho que seria melhor se eu não existisse mais.

Ele levanta da cama, abre uma gaveta e pega uma cartela de remédios.

ARTUR

Ai meu Deus! Ele vai mesmo fazer isso?

Artur corre em direção ao pai, tentando impedi-lo. O homem 3 segura seu braço.

HOMEM 3

Não adianta. Isso já aconteceu. Não dá pra mudar o passado.

Carlos toma todos os remédios da cartela de uma vez, com um copo d'água, depois deita na cama e dorme.

Artur chora novamente, nos braços do homem 3.

Soraia ENTRA no quarto e vê a cartela e o copo em cima do criado mudo. Ela tenta acordar Carlos. Ele não acorda. Ela corre, pega o telefone e liga para a emergência.

HOMEM 3

Seu pai ficou 20 dias no hospital, depois disso. Você não se lembra, não é?

Artur balança a cabeça negativamente, ainda chorando.

HOMEM 3

Sabe por que ele fez isso, Artur? Ele fez isso porque não conseguia mais lidar com o fato de não te dar o que você merecia. Ele achou que não existindo, vocês seriam mais felizes. Ele sente uma culpa

gigantesca por ter feito isso e por tudo, mesmo que não seja culpa dele. Seu pai te ama incondicionalmente, ele sempre fez tudo que estava ao seu alcance por você, dentro dos limites pra ele, claro. Durante todos esses anos, enquanto você o rejeitava e alimentava essa mágoa que sente por ele, em nenhum momento ele sentiu raiva de você. Muito pelo contrário, a cada palavra sua, ele sentia mais amor, mais vontade de se tratar pra conseguir ser pra você e pros seus filhos o que ele nunca conseguiu. Ele sente raiva de si mesmo, ele sente mágoa de si mesmo. Ele não queria viver com a condição que ele vive. Mas, ele não tem escolha.

ARTUR

Me leva pro hospital de novo. Quero encontrar com ele.

O Homem 3 pega Artur pela mão e SAI do quarto.

CENA 41. INT - HOSPITAL - NOITE

QUARTO

Eles entram e veem Carlos sentado na cadeira, segurando a mão de Artur que está deitado na cama, desacordado.

ARTUR

E agora? O que eu faço?

HOMEM 3

Abre seu coração. Deixa os sentimentos ruins saírem, pra dar lugar pra outros melhores entrarem.

ARTUR

E se eu me magoar de novo?

HOMEM 3

Querido, a vida é feita de decepções, magoas e rancores. Mas também é feita de perdão, união e amor. Se permita viver em paz, como você nunca se permitiu antes. Vai ser melhor pra você e pra ele.

Artur anda até Carlos, deixando o homem 3 para trás. Fica um instante olhando para o pai, que chora, segurando sua mão na cama.

Ele olha para trás e o Homem 3 não está mais lá.

ARTUR

Mas você não me disse...

Ele não o encontra mais. Passa o olho por todo o quarto, mas não o vê. Artur fecha os olhos. Quando abre, está deitado na cama. Ele vê o pai sentado numa cadeira, com a cabeça apoiada na cama, segurando sua mão. Carlos está dormindo. Com a mão livre, Artur afaga a cabeça do pai. Carlos acorda

meio atordoado, com os olhos inchados. Vê que Artur acordou e o abraça, sorrindo, com os olhos cheios de lágrimas.

CARLOS

Graças a Deus! Você acordou. Tá se sentindo bem? Eu vou chamar sua mãe.

ARTUR

Calma pai. Perai. Não precisa chamar ela ainda. Quero falar com você primeiro.

Carlos olha surpreso para o filho.

ARTUR

Hoje eu vivi uma coisa ruim e boa ao mesmo tempo e que eu não quero nunca mais ter que passar na vida.

CARLOS

Como assim boa?

ARTUR

Eu não tenho como explicar agora. Talvez nunca. Só quero que você saiba que eu te amo. Muito. E que eu quero me retratar com você. Me desculpe por todos esses anos de rebeldia. Eu fui um tremendo babaca. Tive que me acidentar e quase morrer pra perceber o que eu tava perdendo.

Carlos começa a chorar e abraça o filho.

CARLOS

Não precisa se desculpar, filho. Eu que peço desculpas.

ARTUR

Você não fez nada de errado. Estava apenas sendo quem é. Eu que não conseguia entender. Agora eu sei que você fez tudo que sempre pôde por mim e por nossa família.

Eles ficam abraçados, em silêncio.

Soraia e Luise entram no quarto e, ao ver Carlos e Artur abraçados, ficam paradas próximas à porta, sorrindo. Artur percebe a entrada delas. Elas vão até eles e os abraça também.

Os quatro permanecem abraçados, sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

LUISE

Que susto você deu na gente. Se você morresse, eu te matava.

ARTUR

Não vai ser tão fácil assim se livrar de mim.

SORAIA

Fiquei tão preocupada, filho. Não sei o que faria se...

Soraia começa a chorar. Artur abraça a mãe.

ARTUR

Calma, mãe. Eu tô bem. A partir de hoje, tudo vai ficar bem.

Todos sorriem, brincam e se abraçam.

FADE OUT.

FIM.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

ISADORA ALCANTARA DE MELO FARIAS

MEMORIAL DESCRITIVO ANALÍTICO DO
ROTEIRO DE LONGA METRAGEM ACANHADO

VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA

2017

ISADORA ALCANTARA DE MELO FARIAS

MEMORIAL DESCRITIVO ANALÍTICO DO
ROTEIRO DE LONGA METRAGEM ACANHADO

Memorial descritivo-analítico apresentado à
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Mônica Medina

VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA

2017

ISADORA ALCANTAR DE MELO FARIAS

MEMORIAL DESCRITIVO ANALÍTICO DO
ROTEIRO DE LONGA METRAGEM ACANHADO

Memorial descritivo-analítico apresentado à
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Vitória da Coquista, 06 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Monica Medina

(Professora Orientadora)

Éder Amaral

(Professor do Curso de Cinema e Audiovisual)

Adilson Ventura

(Professor Convidado)

AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar, à minha mãe Rita Barbosa, meu pai Luzermando Farias, meu namorado Ricardo Ceffas, minha família e amigos. Agradeço também à minha orientadora, Monica Medina e a todo o corpo docente do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

RESUMO

Esse memorial descritivo analítico, como o nome já diz, descreve o processo de criação e escrita do roteiro *Acanhado*, desde as pesquisas acerca do tema abordado e sobre a escrita de roteiros para cinema, até a parte de finalização do primeiro tratamento do mesmo.

Palavras-chave: Roteiro Ficcional; Cinema; Autismo; Síndrome de Asperger.

ABSTRACT

This descriptive, analytical memoir describes the process of creation and writing of the *Acanhado* script, from the researches about the topic covered and the writing of scripts to the cinema, until the end of the first treatment of the same.

Keywords: Fictional Script; Cine; Autism; Asperger's Syndrome.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	01
	1.1. OBJETIVO GERAL.....	02
	1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	02
2.	O TEMA.....	04
	2.1. SÍNDROME DE ASPERGER.....	05
	2.2. AUTISMO.....	07
3.	IDEIA DO ROTEIRO.....	10
	3.1. INSPIRAÇÕES.....	10
	3.1.1. QUERIDO JOHN.....	10
	3.1.2. MEU NOME É RÁDIO.....	12
	3.1.3. FAROL DAS ORCAS.....	13
	3.1.4. ATYPICAL.....	15
4.	O ROTEIRO.....	17
	4.1. LONG LINE OU IDEIA.....	20
	4.2. STORY LINE.....	21
	4.3. SINOPSE.....	21
	4.4. PERFIL DOS PERSONAGENS PRINCIPAIS.....	22
5.	O PROCESSO.....	27
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na criação de um roteiro dramático ficcional de longa metragem, que descreve a trajetória de vida de Carlos, desde sua infância até a fase adulta, onde é diagnosticado com síndrome de Asperger e tem que lidar com as barreiras e dificuldades, relacionadas a essa condição, dentro do seu ciclo familiar.

A ideia de escrever uma história que abordasse o tema surgiu do pressuposto de que esse é um assunto até então não muito falado dentro do audiovisual e que, ultimamente, vem ganhando mais espaço, abrindo premissas para discussões sobre o mesmo, onde podemos entender um pouco mais do que se trata, pois muitas vezes temos uma visão deturpada sobre o assunto. A síndrome de Asperger pode ser confundida com o autismo, quando, na verdade, “se encontra no conceito dos transtornos do desenvolvimento, sendo entendida como uma variante do autismo no que diz respeito à característica de alto funcionamento” (ORRÚ, 2010, pg. 1).

O roteiro *Acanhado* conta a história de um senhor chamado Carlos, que tem o que inicialmente foi chamado de Síndrome de Kanner¹. Embora casado, ele enfrenta dificuldades para se abrir com a mulher, Soraia, e os filhos, Artur e Luise. Embora sua filha seja muito atenciosa, Artur não compartilha do mesmo anseio, pois sente que, por causa da doença de Carlos, sua infância não foi como a das outras crianças, que tiveram a figura paterna presente.

Com a ajuda da esposa e da filha, Carlos tenta recuperar o tempo perdido com o filho e trazê-lo para mais perto dele, antes que seja tarde demais e os dois não tenham mais essa oportunidade.

Segunda a definição médica, o autismo é caracterizado por dificuldades significativas de comunicação e interação social, além das mudanças de comportamento expressas principalmente na repetição de movimentos. É um transtorno global de desenvolvimento que tem influência genética e é causado por defeitos em partes do cérebro, (COELHO, SANTO, 2006).

Já a síndrome de Asperger, apesar de poder apresentar dificuldades severas na interação social, a ponto de prejudicar o processo de desenvolvimento do indivíduo, pode também apresentar problemas sociais simples, (ORRÚ, 2010).

¹ Em 1943, Leo Kanner mencionou o conceito de autismo como uma doença da linha das psicoses, caracterizada por isolamento extremo, alterações de linguagem representadas pela ausência de finalidade comunicativa, rituais do tipo obsessivo com tendência a costumes e movimentos estereotipados.

Para o indivíduo diagnosticado com autismo o relacionamento com outras pessoas é um tanto quanto desinteressante e o contato visual é quase nulo. Sua dificuldade de relacionamento é um dos sintomas incluídos ao transtorno, assim como a necessidade de rotina e os comportamentos repetitivos.

O autismo é uma doença psiquiátrica rara e grave da infância – Síndrome de Kanner – autismo infantil – caracterizado por um desenvolvimento intelectual desequilibrado, que afeta também a capacidade de socialização. Pode-se dizer que é uma anormalidade grave, caracterizada por severos problemas ao nível da comunicação, do comportamento e por uma grande incapacidade em relacionar-se com as pessoas de uma forma normal, (COELHO; SANTO, 2006, p 5).

No entanto, falando de uma maneira simplificada, a síndrome de Asperger e o autismo não são doenças, mas sim condições que estão propriamente ligadas, e que apresentam semelhanças uma com a outra. Porém, os sintomas do autismo são mais severos. Ambas enquadram-se dentro do TID, transtornos invasivos do desenvolvimento.

A síndrome de Asperger (SA) caracteriza-se por prejuízos na interação social, bem como interesses e comportamentos limitados, como foi visto no autismo, mas seu curso de desenvolvimento precoce está marcado por uma falta de qualquer retardo clinicamente significativo na linguagem falada ou na percepção da linguagem, no desenvolvimento cognitivo, nas habilidades de autocuidado e na curiosidade sobre o ambiente. Interesses circunscritos intensos que ocupam totalmente o foco da atenção e tendência a falar em monólogo, assim como incoordenação motora, são típicos da condição, mas não são necessários para o diagnóstico, (KLIN, 2006, p 8).

Sendo assim, a finalidade do trabalho em questão é conhecer as duas doenças e apresentar as diferenças entre elas, sanando, assim, dúvidas pessoais sobre o assunto, levando o leitor a entender os princípios básicos para reconhecimento da sintomatologia, sabendo ele, lidar com esse tipo de situação, caso venha a surgir algum caso em seu meio de convívio social.

1.1 OBJETO GERAL

- Escrever um roteiro ficcional de longa metragem, abordando o tema sobre síndrome de Asperger em um adulto, podendo afetar o desenvolvimento psicossocial do mesmo, trazendo dificuldades de relacionamento.

1.2 OBEJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o tema abordado.
- Esclarecer sobre a diferença entre síndrome de Asperger e Autismo.
- Desenvolver um personagem principal que se enquadre no perfil psicológico de um indivíduo portador da Síndrome de Asperger.
- Discorrer sobre tratamentos que melhorem o desenvolvimento social do indivíduo na sociedade.

2. O TEMA

Autismo e Síndrome de Asperger fazem parte de uma família de transtornos de desenvolvimento, onde ocorre uma ruptura nos processos de socialização, comunicação e aprendizado. Coletivamente conhecidos como TID, transtornos invasivos de desenvolvimento, esses são os dois transtornos TID mais conhecidos, (AMI KLIN, 2006).

Na quarta edição revisada do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR), a categoria TID inclui condições que estão invariavelmente associadas ao retardo mental (síndrome de Rett e transtorno desintegrativo da infância), condições que podem ou não estar associados ao retardo mental (autismo e TID sem outra especificação ou TID-SOE) e uma condição que é tipicamente associada à inteligência normal (síndrome de Asperger), (KLIN, 2006, p 4).

O motivo pelo qual transtorno invasivo de desenvolvimento foi escolhido tem como base, principalmente, informar e conscientizar as pessoas de que é algo que pode estar presente na vida de qualquer indivíduo, precisando assim conhecê-lo para saber interpretar seus sintomas e tratá-los desde o início. Alguns convivem tanto com adultos quanto com crianças nessas condições e não sabem por não reconhecer seus comportamentos.

A proposta desse trabalho pretende levar as pessoas à reflexão sobre o que é o autismo, trazendo como contribuição os principais sintomas dessa condição, os possíveis tratamentos e algumas das respostas para as frequentes perguntas de pessoas que lidam diariamente com essa situação.

O formato inicial de roteiro foi escolhido por se tratar de uma modalidade que, futuramente, poderá tornar-se um produto audiovisual e de maior impacto, tratando-se sobre a comoção gerada por tal. O tema por si só já é algo que trás à tona vários sentimentos que podem ir da compaixão à solidariedade, despertando a vontade de tentar ajudar aos que sofrem com essa condição.

O produto é voltado especialmente para os que são e os que convivem diariamente com pessoas aspergers, mas também tem o papel importante de informar e sensibilizar os que não a conhecem.

Tomando como base alguns artigos científicos sobre o tema, foi possível aprender um pouco mais sobre essa condição. A intervenção durante a infância da criança pode vir a estabelecer um prognóstico mais favorável para o desenvolvimento da mesma. É visto que os problemas de comunicação interferem na aprendizagem escolar da criança e isso requer um tratamento especializado para que essa não seja tão comprometida, elaborando-se assim um treino comportamental tanto na escola quanto em casa.

Estudar sobre a questão do preparo do ambiente tanto familiar quanto escolar para receber a criança ou o adulto autista também é importante para o aprendizado e desenvolvimento da pessoa. Pela falta de preparo que a maioria das escolas regulares tem para manter um aluno especial é que se recorre ao ensino especial.

Pode-se definir como objetivos prioritários da intervenção: a promoção do desenvolvimento global do aluno e de competências específicas; informar e auxiliar os encarregados de educação a implementar estratégias para melhor lidarem com o seu educando; informar/sensibilizar a escola e a comunidade em geral acerca das características destas crianças e jovens, no sentido de estabelecer parcerias que contribuam para a sua aprendizagem, adaptação e inclusão social, (COELHO; SANTO, 2006, p 29).

A relevância de se trabalhar com o mesmo está na informação e conscientização das pessoas. É importante conhecer para que saibam reconhecer os sintomas em pessoas próximas e assim buscar o tratamento adequado o quanto antes, pois como já foi dito, quanto mais precoce o tratamento, mais eficaz ele será.

2.1. SÍNDROME DE ASPERGER

Hans Asperger, em 1944, fez um estudo científico. Ele estudou quatro crianças que tinham dificuldade de interação social e, sem conhecer o estudo feito por Kanner, onde ele descrevia o transtorno de autismo infantil, chamou sua experiência de psicopatía autística.

Apesar de ter as habilidades intelectuais preservadas, as crianças apresentaram uma notável pobreza na comunicação não verbal, que envolvia tanto gestos como tom afetivo de voz, empatia pobre e uma tendência a intelectualizar as emoções, uma inclinação a ter uma fala prolixa, em monólogo e às vezes incoerente, uma linguagem tendendo ao formalismo (ele os denominou "pequenos professores"), interesses que ocupavam totalmente o foco da atenção envolvendo tópicos não usuais que dominavam sua conversação, e incoordenação motora, (KLIN, 2006, p 28).

Pessoas Aspergers, diferentemente dos autistas, apesar da dificuldade de interação com outros indivíduos, não são tão inibidos na presença de outras pessoas. São pequenas diferenças no comportamento desses indivíduos que diferem o diagnóstico das duas condições, (KLIN, 2006).

Assim como o autismo, a síndrome de asperger apresenta certa deficiência na interação social, apresentando também fala e comportamentos repetitivos. No entanto, a principal diferença entre os dois é que, o indivíduo com asperger, não apresenta deficiência na linguagem nem retardo de desenvolvimento cognitivo, (ORRÚ, 2010).

Segundo Camargos (2005), “o autista está isolado em seu próprio mundo, o Asperger está em nosso mundo, porém vivendo seu estilo próprio de forma isolada.” Segue tabela com as diferenças fundamentais entre os dois:

	AI	SA
Gravidade do caso	+	
Retardo Mental (11)	+	
Alterações cognitivas	+	
Atraso significativo da fala	+	
Usa a 3ª pessoa pronominal (êle, ou seu nome) no lugar da 1ª (eu)	+	
QI executivo mais alto	+	
Diagnóstico possível antes dos 3 anos e idade	+	
Diagnóstico de certeza só após 6 anos e idade (9)		+
Inteligência verbal		+
Pedantismo		+
Busca ativa de interação social		+
Dá a impressão de possui um estilo antigo, excêntrico		+
Pode dar a impressão de super-dotado		+
Pais com quadro similar		+

Figura 5 – Tabela com as diferenças fundamentais entre Autismo e Síndrome de Asperger (Transtornos Invasivos do Desenvolvimento – 3º Milênio, Walter Camargos Jr. 2005, p. 27)

É importantíssimo adquirir conhecimento sobre essas síndromes, enquadradas nos transtornos TID, pois, a partir desse conhecimento, os indivíduos que se encontram nessa situação poderão adquirir uma formação adequada, levando em consideração suas limitações, para que seu aprendizado não seja prejudicado ainda mais.

Orrú ressalta que “Em razão das dificuldades encontradas na síndrome é preciso que tudo o que venha a ser ensinado ganhe significado para o aluno com Asperger”, (ORRÚ 2010, p.10). Sendo assim, é importante que a interação social do mesmo seja trabalhada desde cedo, a fim de que melhore gradualmente no decorrer da vida.

Trabalhar a interação social não é simplesmente desenvolver esquemas de ajuda na escola. É mais do que isto. É orientar os próprios pais a desenvolverem atividades de passeio, por exemplo, onde o aluno experimente a interação social naturalmente por meio da aproximação a outras pessoas e em situações diferentes. Isto vem a ser muito importante, principalmente, quando são crianças, dando ênfase na adolescência e na juventude, (ORRÚ, 2010, p 10) .

2.2. AUTISMO

Segundo o Jornal da Pediatria, vol. 80, escrito por Carlos A. Gadia, Roberto Tuchman e Newra T. Rotta, em 2004, “Autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas e graus variados de severidade”. Ter paciência é estritamente importante para lidar com autistas, mas para isso é preciso conhecer os sintomas desse transtorno e saber lidar com cada um deles da maneira adequada. Por isso a intenção de informar sobre tal condição.

Autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas e graus variados de severidade³. A apresentação fenotípica do autismo pode ser influenciada por fatores associados que não necessariamente sejam parte das características principais que definem esse distúrbio, (GADIA, TUCHMAN, NEWRA, 2004, p 84).

Desvendar os sintomas da mesma é um desafio e requer um pouco mais de atenção que o normal, principalmente se o indivíduo já se encontra em sua fase adulta. Muitas pessoas convivem com adultos autistas e não tem conhecimento disso, o que pode trazer certas complicações, já que o transtorno pode ser confundido com algum tipo de retardo mental, fazendo com que o sujeito em questão seja alvo de discriminação e preconceito.

O diagnóstico, tanto do autismo como da Síndrome de Asperger é feito clinicamente, através da observação do comportamento e da análise do histórico do indivíduo, (ORRÚ, 2010).

Quando diagnosticado na infância, o autismo tende a ser mais fácil de tratar. Embora seja possível o sucesso em diversas áreas da vida, os problemas de comunicação e sociabilização podem causar dificuldades em algumas dessas áreas. Na fase adulta, é importante o encorajamento e apoio moral por parte dos pais e amigos presentes para que a pessoa tenha uma vida independente, (COELHO, SANTO, 2006).

Um dos possíveis tratamentos é a procura por um psicólogo ou psiquiatra, um desses profissionais pode ajudar na melhora das relações sociais do adulto, mas a maioria dos

médicos concorda que é importante intervir cedo para que a criança responda melhor ao tratamento.

A cura para o autismo não existe e o tratamento do autismo não se prende a uma única terapêutica. O uso de medicamentos, que antes desempenhava um papel fundamental e de grande importância no tratamento (devido à crença da relação do autismo com os quadros psicóticos do adulto), passa a ter uma função de apenas aliviar os sintomas do autista para que outras abordagens como a reabilitação e a educação especial, possam ser adaptadas e tenham resultados eficazes, (COELHO; SANTO, 2006, p 23).

Não é apenas o autista que sofre com sua condição, sua família e amigos também e devem aprender a conviver com ela, o que se torna um desafio. Desde o momento em que se é diagnosticado o transtorno, começa então a pesquisa por explicações e o tratamento do mesmo, que pode variar de um caso para o outro, de acordo com os sintomas apresentados.

Interagir com outros autistas em grupos de ajuda também pode ser um modo de tratamento interessante. Conhecer e socializar com indivíduos que passam pelo mesmo problema faz com que a pessoa perceba que não é a única a sofrer com isso, absorvendo um pouco da experiência de cada um no grupo, (COELHO, SANTO, 2006).

Os principais sintomas relacionados ao autismo são isolamento autístico, onde apresentam certa incapacidade de desenvolver relações pessoais e que, de acordo com Walter Camargos Jr, 2005, pode ser percebida na primeira infância. A conduta motora também é um sintoma significativo, onde os pacientes apresentam “motricidade perturbada pela manifestação intermitente ou contínua de movimentos repetitivos e complexos (estereotípias).”, (CAMARGOS, 2005, p 13).

Ainda de acordo com Camargo Jr. (2005), outros sintomas que também fazem parte desse quadro são o comprometimento da linguagem e habilidades pré-verbais, distúrbios das funções intelectuais, alterações afetivas e distúrbios psicossomáticos.

Como conclusão, Camargo diz que esses sintomas podem apresentar-se de maneiras diferentes em cada indivíduo, acentuando-se mais em uns do que outros, pois, nenhum deles apresenta o mesmo quadro. Porém, esses são as sintomatologias mais comuns entre os pacientes com autismo.

O autismo é um quadro clínico permanente, e maioria dos indivíduos afetados podem se tornar incapazes de viver uma vida independente. No entanto, quando tratados desde a infância, tendem a melhorar significativamente suas condições de vida.

Vários estudos sobre o desfecho no longo prazo sugerem que aproximadamente dois terços das crianças autistas têm um desfecho pobre (incapazes de viver independentemente) e que talvez somente um terço é capaz de atingir algum grau de

independência pessoal e de auto-suficiência como adultos; entre estes, a maioria pode ter um desfecho razoável, (KLIN, 2006, p 8).

Por tanto, é visto que o segredo, por assim dizer, para tratar corretamente um indivíduo com autismo é observando os sinais cognitivos, desde sua infância, para que esse tratamento seja mais eficaz, trazendo benefícios para o mesmo, como sujeito em sociedade.

Ao final, podemos concluir que, independentemente do indivíduo ter autismo ou Asperger, suas limitações em relação ao convívio social ficarão evidentes, pois, as duas síndromes mexem com a capacidade do mesmo de desenvolver e adaptar-se às interações em sociedade, mesmo que apresente um quadro leve de alguma das duas TID.

3. IDEIA DO ROTEIRO

O objetivo principal ao trabalhar com o tema foi buscar conhecimento próprio, além de querer passar informações do que realmente se trata, deixando de lado a generalização do indivíduo autista, levando em consideração que cada pessoa é por si só única, independente de fazer parte dessa condição ou não.

Buscando melhorar a interação social e o desenvolvimento das relações pessoais de um adulto com TID é que é tão importante se informar e buscar o diagnóstico dessa doença para que possa ser introduzido o devido tratamento. O diagnóstico é clínico e feito através de observação contínua do comportamento do indivíduo em questão, (COELHO, SANTO, 2006).

Os transtornos invasivos do desenvolvimento são temas importantes para se trabalhar, tanto na questão de informação quanto para esclarecimento de determinados pontos ainda desconhecidos pela maioria da sociedade em relação a essas condições que não são tão raras quanto pensamos ser.

3.1. INSPIRAÇÕES

A escolha do tema tem como base o livro *Querido John* de Nicholas Sparks, (2010) estrelado no cinema por Channing Tatum e Amanda Seyfried, onde o pai do personagem principal é um adulto com autismo que cuidou do filho a vida inteira sozinho.

Outras que contribuíram para a construção do roteiro Acanhado foram: *Meu Nome é Rádio*, título traduzido do filme *Radio*, de 2003, dirigido por Michael Tollin; *Farol das Orcas*, filme de 2016, dirigido por Gerardo Olivares e a série *Atypical*, estreada em 2017, criada por Robia Rashid. As duas últimas são obras originais Netflix, um dos maiores serviços de *streaming* de vídeos mundial.

3.1.1 QUERIDO JOHN

O pai de John, Bill Tyree, é adulto com autismo. Ele tem vários dos sintomas característicos dessa condição, como a necessidade de uma rotina e os comportamentos repetitivos, a estranha obsessão por objetos, boa capacidade de memorização e a dificuldade de se relacionar com outras pessoas.

Mesmo com a doença, o Senhor Tyree cuidou do filho durante toda a vida sozinho. Sua mulher o deixou antes do menino completar um ano de idade dizendo que não estava pronta para ser mãe e, desde então, ele assumiu o papel de mãe, além de pai do garoto, mesmo com sua dificuldade de socialização.

Bill tem uma fascinação por moedas que foi passada de pai para filho. Assim como ele, seu pai também não sabia como lidar com as pessoas e viu em sua coleção de moedas uma maneira de se aproximar do filho. Ele também tentou essa aproximação com John através das moedas e foi bem sucedido no início, até que seu filho cresceu e começou a se interessar por outras coisas, deixando de lado a paixão do pai.

[...] Acho que meu pai era feliz. Digo isso porque ele raramente demonstrava emoções. Abraços e beijos foram raros durante minha infância, e, quando os recebia, me pareciam sem vida, algo que ele fazia por dever, não por desejo. Sei que me amava pela maneira como se dedicou a cuidar de mim, mas ele tinha quarenta e três anos quando nasci e parte de mim acha que meu pai seria melhor como monge do que como pai. Ele era o homem mais silencioso que já conheci. Pouco perguntava sobre o que estava acontecendo na minha vida, e embora raramente se irritasse, tampouco brincava. Vivia para a rotina. Cozinhava ovos mexidos, torradas e bacon para mim todas as manhãs, e me ouvia falar sobre a escola durante o jantar, que ele também preparava. Agendava consultas ao dentista com dois meses de antecedência, pagava suas contas aos sábados pela manhã, lavava as roupas no domingo à tarde e saía de casa todos os dias exatamente às 7h35. Ele era socialmente desajeitado e passava longas horas sozinho todos os dias, despejando pacotes e maços de cartas nas caixas de correio ao longo de seu percurso. Ele não namorava, nem passava as noites de fim de semana jogando pôquer com os amigos; o telefone permanecia em silêncio por semanas. Quando tocava, era engano ou um operador de telemarketing. Sei o quão difícil deve ter sido para ele me criar sozinho, mas ele nunca se queixou, mesmo quando eu o decepcionei. [...], (SPARKS, 2010, p 19).

Nessa citação do livro podemos perceber os principais sintomas relacionados à doença que são encontrados em Bill Tyree. É possível entender claramente a dificuldade que ele tem de se relacionar com as pessoas, inclusive com o próprio filho, que é com quem ele tem mais contato. Bill não sai de casa frequentemente, e quando o faz é sempre no mesmo horário, obedecendo a uma rotina cotidiana, executando sempre as mesmas tarefas e mantendo sempre os mesmos hábitos.



Figura 1 – Capa do livro e capa do DVD “Querido John”

3.1.2 MEU NOME É RÁDIO

É importante levar em consideração que o interesse por temas relacionados à condição psicológica de personagens dentro do cinema se deu ao assistir o filme *Radio*, baseado em fatos reais, onde um jovem com deficiência mental, estudante do colegial, faz amizade com o técnico de futebol americano do colégio, o que contribui significativamente para seu desenvolvimento social, levando o jovem a passar de um garoto tímido, atormentado e rejeitado pelos colegas a uma inspiração para a comunidade em que vivem. O filme foi inspirado no artigo “*Someone To Lean On*” de Gary Smith, e conta com Cuba Gooding Jr. no papel de Radio e Ed Harris como o treinador Jones.

É sabido que a doença mental e o transtorno autístico são diferentes, porém, de acordo com Ami Klin (2006), um grande percentual dos indivíduos com autismo pode apresentar retardo mental, embora esse número esteja diminuindo com o passar o tempo. Ou seja, o sujeito pode ter retardo mental e não apresentar sintomas de autismo ou asperger, assim como o inverso.

No filme *Radio*, fica claro para o espectador apenas o sintoma de retardo que o personagem principal possui, mas não conseguimos certificar que o mesmo se enquadra dentro das características de um indivíduo com TID. No entanto, esse pode ser um filme inspirador para quem se interessa por esse tema.

Esse é um produto audiovisual de tanta relevância que foi alvo de um artigo científico para uma das matérias da graduação com bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), onde fizemos uma análise crítica do filme de nossa preferência.



Figura 2 – Capa DVD “Meu nome é Rádio”

3.1.3 FAROL DAS ORCAS

Estreado em 2016, na Netflix, o filme conta a história de um garoto com autismo, chamado Tristan, que se encontra extremamente fechado para o mundo exterior. Seu pai o abandonou quando ainda era um bebê, por causa de sua condição. A mãe cuida e o protege de todas as maneiras possíveis.

O garoto é fascinado por baleias. Sua mãe, Lola, percebe que ao vê-las na TV ele demonstra algum tipo de emoção. Então decide levá-lo à Patagônia para conhecê-las,

esperando que, dessa maneira, o menino encontre suas emoções. Chegando lá ela encontra Beto, um cuidador de baleias; um homem solitário, que dedicou sua vida a elas, e que se mostra extremamente relutante em aceitá-los naquele lugar.

Embora Lola tenha levado seu filho ao encontro das baleias, um decreto local foi feito, proibindo qualquer um de tocar nas orcas devido ao alto grau de periculosidade que as mesmas representam.

O primeiro contado que Tristan tem pessoalmente com as orcas acaba sendo bastante conturbado, pois Beto os leva para ver as baleias caçando, cena que, para o garoto, acaba sendo traumatizante, levando-o a ficar em estado de choque durante o passeio. Vale salientar que a intenção de Beto não foi a de assustar o menino: nessa parte do filme ele ainda não tem “tato” para lidar com um indivíduo na condição de Tristan. Essa cena é representada pela figura 3.

O garoto apresenta a maioria da sintomatologia característica do autismo, como dificuldade de interação social, repetição de movimentos e atraso significativo da fala, além de ter mania de arrumar objetos em uma ordem particular.

Com o passar dos dias, Beto leva Tristan a se abrir cada vez mais para o mundo, usando as baleias como ponto de partida, fazendo com que o garoto passe a confiar nele, além de sua mãe, criando assim um laço afetivo entre eles.

Ao final do filme, Tristan, Beto e Lola adquirem um relacionamento entre eles. Situação essa que contribui significativamente para o desenvolvimento do garoto.



Figura 3 – Personagens principais do filme “Farol das Orcas”

3.1.4 ATYPICAL

Essa é uma série original da Netflix, estreada no ano presente, que relata a história de um adolescente com autismo chamado Sam, que, encorajado por sua terapeuta, decide encontrar uma namorada.

Diferente de Carlos, personagem principal do roteiro *Acanhado*, Sam foi diagnosticado na infância, o que trouxe benefícios quanto ao tratamento da doença. É um garoto extremamente inteligente, com QI elevado e trabalha e estuda como qualquer outro adolescente.

No entanto, a condição de Sam desencadeou alguns transtornos em sua família. Sua mãe desenvolveu uma superproteção pelo garoto, vivendo em função dele, por muitas vezes deixando de lado sua própria vida; sua irmã mais nova se sente menosprezada pela mãe, e apesar de amar e cuidar do irmão com carinho acredita que todas as atenções estão voltadas somente para o mesmo, e, por fim, seu pai os abandonou por um período, quando Sam e a irmã eram pequenos, por não conseguir lidar com a condição dele.

No início da série, Sam não tem uma relação muito próxima com seu pai. Porém, no decorrer da trama, à medida que o garoto busca seu par, o pai vai se tornando seu aliado, dando conselhos e o ajudando a encontrar a garota perfeita. Por fim, os dois criam, em pouco tempo, um laço afetivo que nunca tiveram antes. E esse, além do personagem principal, é um dos principais motivos para essa série ter se tornado inspiração para o processo de criação do roteiro *Acanhado*.



Figura 4 – Foto promocional da Série "Atypical"

Voltando ao ponto de partida, onde a intenção do roteiro é informar as pessoas sobre as TID, vemos que o enredo foi construído com essa finalidade, levando em consideração as pesquisas levantadas sobre comportamento social e familiar do adulto autista e asperger com os que estão à sua volta.

As obras assistidas servem de inspirações por exemplificar, de maneiras diversas, como podem se comportar esses indivíduos em meio à sociedade, mostrando modos de soluções para possíveis problemas de interação que essa condição pode causar.

4. ROTEIRO

A escolha pela modalidade de roteiro na apresentação desse trabalho de conclusão de curso se deu pela afinidade e também facilidade com a escrita. Para mim, muitas vezes a escrita fala mais do que a própria imagem e permite interpretações diferentes de uma mesma história, dependendo de quem lê, pois nem todos nós enxergamos o mundo da mesma maneira. Desse modo, com as leituras não seria diferente.

Optei por escrever um roteiro que futuramente poderá ou não tornar-se um produto audiovisual, permitindo que tanto o diretor quanto o elenco a ser escolhido interprete a história de maneiras diferentes, contribuindo para que a mensagem seja passada ainda com mais clareza para os espectadores que poderão vir a conhecê-la, pois juntando a interpretação de vários em um mesmo trabalho, teremos algo ainda mais completo.

O drama é um gênero que tem significado ficcional e que pode tratar de vários temas sérios e de compatibilidade com a vida real, com desenvolvimento de fatos e ações em circunstâncias parecidas com nosso dia a dia. Os fatos e significados mais conhecidos no cinema para esse gênero são os acontecimentos complicados ou tumultuosos que podem causar dano, sofrimento, dor, entre outros.

Embora haja filmes dramáticos com desfechos felizes, há também os que terminam em tragédias ou catástrofes, caracterizando ainda mais o tema. Como o nome já diz, o gênero dramatiza ainda mais os acontecimentos cotidianos. As narrativas ficcionais podem ser parcialmente baseadas em fatos reais, mas contendo sempre algo fictício, caso contrário, os fatos reais em si se tornariam um documentário.

O roteiro nada mais é do que “uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática” (Field, pg 11). Diferentemente do romance, onde tudo é descrito em seus mínimos detalhes, inclusive o que o personagem está pensando, o roteiro é mais objetivo e sucinto, exemplificando as características do personagem através de seus trejeitos, descritos no mesmo.

O roteiro é como um *substantivo* — é sobre uma *pessoa*, ou pessoas, num *lugar*, ou lugares, vivendo sua *coisa*. Todos os roteiros cumprem essa premissa básica. A pessoa é o personagem, e viver sua coisa é a ação, (FIELD, 2001, p 12).

Usualmente, o roteiro é formado por três atos. No Ato I, ou apresentação, é onde apresentamos o enredo da história, os personagens, a dramaticidade envolvida e o relacionamento do protagonista com os demais personagens da trama. Segundo Syd Field, é

nesse ato que percebemos se gostamos ou não do filme. Em seu livro, *Manual do Roteiro*, ele diz que cada página de um roteiro equivale a um minuto de filme, em média. Sendo assim, a apresentação deve ter pelo menos trinta páginas para situar o espectador nos primeiros trinta minutos de filme, no caso de um longa metragem.

O ato II, ou confrontação, é o momento em que o personagem principal irá buscar seus objetivos, traçados no início do roteiro, passando por obstáculos que o impulsionam a conseguir aquilo que quer. Esse ato deve ter aproximadamente sessenta páginas, (FIELD, 2001).

Finalmente, de acordo Field (2001), o ato III, ou resolução, é onde se encontra a reviravolta do enredo e toda a finalização da história, revelando se o personagem conseguiu alcançar suas metas ou se toda sua busca durante o filme foi em vão. É válido salientar que a resolução do ato III não é especificamente o fim do enredo, mas sim a solução das questões apresentadas nele.

Um roteiro, em sua maioria, deve possuir três aspectos fundamentais, para que seja de fato, bem escrito. Para Doc Comparato, em seu livro *Da Criação ao Roteiro*, de 2009, esses três aspectos são Logos, o Pathos e o Ethos.

O primeiro trata-se da estrutura geral do roteiro, a organização que fará com que toda a história se encaixe. O Segundo é o drama ou conflito, em torno do qual, basicamente, todo o enredo girará. Finalmente, o terceiro, que trata da mensagem passada através do roteiro e suas consequências sociais. É, basicamente, a razão de todo o trabalho, (COMPARATO, 2009).

Como dito anteriormente, o roteiro *Acanhado* consiste na criação da história de um personagem que descobre ter a síndrome de Asperger, já na sua fase adulta. É um roteiro de longa metragem com 97 páginas, onde nelas é contada a trajetória de vida de Carlos, um garoto tímido que, na infância, tinha apenas um amigo, e por ser diferente sofria *bullying* na escola.

Por ser portador de Asperger, Carlos tem dificuldade de comunicação e interação social, tendo mais facilidade de conviver apenas com seu pai, sua mãe e seu amigo da escola, Lucas. As demais pessoas não são relevantes para ele, portanto, mantém certa distância. É um personagem bastante inteligente, que gosta muito de estudar, principalmente matérias de cálculos, e que também tem certo fascínio por prédios e desenhos.

Durante sua juventude, Carlos opta por estudar em casa, enquanto vê pessoas na rua, fazendo tarefas cotidianas e rotineiras. Não entende o motivo de estarem na rua sendo que poderiam permanecer em casa fazendo algo mais proveitoso, na opinião dele. Até que encontra alguém que faz com que ele repense a questão de ser tão solitário. Carlos acha em

uma garota mais um de seus refúgios, e agora ele tem outra pessoa com quem pode conviver com facilidade, o que muda um pouco sua rotina e seu comportamento.

No entanto, com o passar do tempo, as responsabilidades e costumes de uma vida a dois começam a aparecer, fazendo com que Carlos sinta dificuldade de lidar com tais situações. Circunstâncias essas que interferem drasticamente em seu meio familiar. Um exemplo disso é o relacionamento que mantem com seu filho, Artur, que apesar de não entender o motivo, percebe que o pai está sempre afastado, como se vivesse em outro mundo, mesmo estando fisicamente presente, diariamente em sua vida.

Esse se torna, então, o conflito principal do filme: a dificuldade de uma pessoa autista em lidar diretamente com alguém que dependa emocionalmente dela. Para pessoas com espectro autista, ter filho não é impossível, apesar de ser algo complicado, principalmente se levarmos em consideração o nível de autismo do indivíduo.

Carlos não é um personagem que sofre de um transtorno extremamente elevado, mas mesmo assim sente dificuldade em manter um laço afetivo forte com o filho, que por não entender as limitações do pai e também por crescer sem saber o que ele realmente tinha, já que o diagnóstico de Carlos foi dado quando ele já era um adulto, passa a acreditar que o afastamento do pai e suas barreiras afetivas são decorrentes de um sentimento negativo e não por algum tipo de limitação.

No decorrer da história, Carlos tenta se reconciliar com o filho e recuperar o tempo perdido, porém, sem sucesso na maioria das vezes. Até que um acidente acontece e faz com que Artur entenda finalmente o que o pai passou durante todos os anos em que se encontrava nessa situação de conflito com ele, dando assim um desfecho feliz para a trama.

Essa reviravolta, que faz com que a situação conflito da história se resolva é chamada *Plot Point*, que quer dizer “ponto de virada”, em tradução livre. Este é um dos pontos a serem trabalhados na hora de escrever um roteiro, pois segundo o *Manual do Roteiro* de Syd Field (2001), é preciso haver linearidade na hora de começar a escrita, fazendo com que tudo se ligue no fim, conduzindo assim a história à sua conclusão. De acordo com Field (2001), se não conseguimos traçar essa linha de desenvolvimento do início ao fim, teremos um problema no decorrer da criação.

Criar uma história não é algo muito difícil. Porém, a dificuldade de criar uma boa história e que se encaixe dentro da escrita do roteiro está justamente em juntar todos os elementos dessa trama, fazendo assim com que tudo se encaixe, e no fim tenhamos algo pronto para ser filmado, transformando o produto final em algo que seja prazeroso de se ver.

Atualmente o mercado audiovisual está saturado de filmes e séries, muitos deles com roteiros bastante parecidos, e que geralmente não chamam atenção.

Como visto nas disciplinas de Argumento e Roteiro I e II, aprendemos, desde já, que o roteiro é um trabalho gradual, onde passamos por pequenas etapas até chegar as vias de fato, em que contamos realmente nossa história.

4.1. LONG LINE OU IDEIA

Long line, ou ideia, é o tema principal do roteiro escrito em apenas uma frase. Apesar de não ser uma das etapas propriamente ditas da criação de um roteiro, é o princípio de tudo, o ponto de partida para a história que será trabalhada. Como seres humanos, pensantes e formadores de opiniões, somos capazes de criar enredos dos mais variados tipos; portanto, ter ideias é algo simples e, por vezes, rotineiro. No entanto, segundo Doc Comparato, as ideias para um roteiro não surgem do nada. Elas partem de alguma fonte de inspiração.

É fundamental para um roteirista ver e sentir a cena. Nossa imaginação deve estar treinada para ver cenas em nossa mente. Como a nossa mente tem um limite e como, com o tempo, esse exercício se torna repetitivo, devemos procurar ver também através de outros olhos e de outras mentes. (COMPARATO, 2009, p 45).

Em seu livro, *Da Criação ao Roteiro*, Comparato cita o roteirista Lewis Herman, que elaborou um quadro de ideias, contendo seis campos nos quais podemos extrair uma boa ideia. São eles: ideia selecionada, ideia verbalizada, lida, transformada, proposta e procurada, (COMPARATO, 2009).

A ideia selecionada emana da nossa própria vivência, tendo como ponto de partida o pensamento, o passado ou até mesmo o tempo presente. A ideia verbalizada nasce de algo que ouvimos em nosso cotidiano, a partir de relatos que alguém nos conta. A lida vem de algo que lemos em algum lugar, como revistas, jornais, blogs, entre outros. A ideia transformada vem através de um filme, livro ou peça de teatro, onde pegamos a ideia principal e a transformamos. Ideia proposta quer dizer que ela nasce a partir de uma sugestão, quando alguém nos pede para que façamos um roteiro sobre determinado assunto. E por fim, a ideia procurada, que provém de uma pesquisa sobre os tipos de filmes que mais chamam a atenção do público, (COMPARATO, 2009).

Segue o exemplo:

Ideia do roteiro *Acanhado*:

Um homem com síndrome de Asperger encontra dificuldades de se relacionar com sua família, principalmente, seu filho mais velho.

4.2. STORY LINE

Esse estágio é onde descrevemos, em no máximo cinco linhas, a história que será transformada em roteiro, contendo o conflito principal do enredo em questão. Após termos a ideia, devemos começar a trabalhá-la, e a *story line* será, no caso, nossa primeira etapa na elaboração do projeto. Traduzido para o português, o termo *Story Line* significa “linha da história”, que, apesar de não ser uma tradução exata, já exemplifica que o mesmo mostra a linha que a história irá seguir.

Nesse processo não é preciso se preocupar com o nome dos personagens que farão parte do enredo e nem com a linearidade temporal do roteiro final, pois escrever no tempo presente nos permite ver com mais clareza as ações que serão executadas. Uma boa *story line* deve conter três pontos principais. São eles: a apresentação do conflito, o desenvolvimento e a solução do mesmo. Todos eles descritos de forma clara e objetiva. Exemplo:

Story Line do roteiro *Acanhado*:

Carlos é diagnosticado com síndrome de Asperger na fase adulta e sofre com as barreiras causadas em sua vida cotidiana, principalmente no relacionamento com o filho Artur. Ele busca recuperar o tempo perdido, esperando que o filho o entenda. Depois de anos de conflitos, os dois conseguem se entender, após Artur sofrer um acidente e ficar em coma.

4.4. SINOPSE

A sinopse, assim como a *story line*, é um resumo da história, porém, mais detalhado. Podendo conter de dez a quinze linhas, ela apresenta as informações principais sobre os indivíduos situados no enredo e o local onde tudo se passa. Nessa etapa ainda não é relevante que haja informações acerca da personalidade dos personagens, pois elas são melhor representadas através das ações dos mesmos, que são descritas de maneira mais apropriada

dentro do roteiro. A descrição da ambientação também não é, ainda, significativa. Segue exemplo:

Sinopse do roteiro *Acanhado*:

Carlos é um garoto de oito anos que, devido a sua personalidade, sofre *bullying* na escola. Ele tem dificuldade de socializar com as outras crianças, tendo apenas um amigo, chamado Lucas, que o defende dos demais. Quando cresce, Carlos se casa com uma linda moça chamada Soraia e tem dois filhos, Luise e Artur. Ele sente muita dificuldade em lidar com sua nova vida e sofre por não conseguir demonstrar seus sentimentos como gostaria. Seu filho, Artur cresce sem entender os motivos para o pai ser tão reservado e nutre grande rancor e raiva de Carlos, se tornando um jovem rebelde e que não quer nada da vida. Soraia e Luise tentam, de todas as maneiras, fazer com que eles dois se resolvam, mas Artur é extremamente relutante. Até que ele sofre um acidente grave e dá entrada no hospital em coma. Enquanto está desacordado, um homem não identificado leva Artur a visitar lugares que ele não conhecia, mostrando para ele situações que fazem com que ele acorde do coma com outra forma de pensar e aberto a entender as limitações de seu pai.

Após a escrita da sinopse, é a hora de escrever o argumento do roteiro. Nessa parte, contamos a história de maneira bem mais detalhada, no entanto, ainda sem falas de personagens, porém com a descrição precisa da personalidade dos mesmos e dos ambientes onde as situações acontecem.

O tamanho do argumento varia de acordo com o tamanho da obra, portanto, não vem ao caso acoplá-lo ao presente trabalho.

4.4. PERFIL DOS PERSONAGENS PRINCIPAIS

Carlos (8 anos):

Pardo, alto para a idade, muito magro, cabelos curtos e olhos castanhos. Veste-se de forma impecável, com as roupas sempre muito bem passadas e arrumadas. Tem uma postura física mais do que adequada, sendo até avançada para sua idade. Move-se, na maioria das vezes, de maneira tranquila e calma. Tem um vocabulário completo, porém, não é muito falador. Na verdade, fala pouco e apenas com pessoas com quem tem intimidade, com o

restante, apenas o necessário. Tem fascínio por arquitetura, é estudioso e sua matéria preferida é matemática ou qualquer outra que trabalhe com número e cálculos. Seus maiores *hobbies* são estudar e desenhar as arquiteturas dos prédios que vê na rua. Carlos é um menino muito organizado com seus pertences, seu quarto está sempre muito bem arrumado. Vive com sua mãe e seu pai, mas na maior parte do tempo, interage com a mãe, pois o pai passa a maior parte do dia trabalhando. No seu tempo livre, gosta de assistir filmes, fazer desenhos e estudar matemática, às vezes, as outras matérias, quando é preciso. Não gosta que o toquem com frequência. Tem mania de tremer as pernas quando está ansioso. Sofre bullying na escola e tem medo dos garotos que o praticam, tentando o tempo todo passar despercebido.

Carlos (18 a 25 anos):

Pardo, alto, magro, cabelos castanhos que vão até o pescoço e olhos também castanhos. Veste-se de maneira casual, mas suas roupas estão sempre limpas e arrumadas no corpo. Tem uma postura adequada, porém um pouco menos do que na infância. Seus movimentos continuam tranquilos e sem preocupação, não é nada afobado. Permite-se falar um pouco mais e às vezes com pessoas desconhecidas, dependendo da situação. Continua gostando de arquitetura, mas não com o mesmo fascínio de antes, no entanto, desenho ainda é uma de suas principais paixões, juntamente com o cálculo. Ainda nutre o hobby pelos estudos, porém em raras exceções, gosta de sair com o amigo Lucas e a namorada Soraia. Tem se permitido sair um pouco mais, mesmo que receoso, para conhecer o mundo, embora ainda prefira passar seu tempo estudando ou fazendo algo em casa. Focou nos estudos até passar no vestibular para Economia. Tem um pouco mais de convivência com o pai, embora sua mãe ainda seja a principal pessoa no seu ciclo familiar. Está apaixonado pela namorada e vê nela um refúgio. Ainda tem a mania de balançar as pernas quando está nervoso ou ansioso. Percebe que seu relacionamento com Soraia está cada vez mais sólido e, ao mesmo tempo em que está confortável com a situação, tem medo do que possa vir a acontecer entre os dois. O fato de não poder ter certeza do futuro o deixa desestabilizado.

Carlos (52 anos):

Pardo, alto, meio barrigudo, cabelos grisalhos e olhos castanhos. Não tem mais a mesma saúde de antes, mas não está debilitado, dentro do esperado para alguém com a idade que tem. Veste-se, na maioria das vezes, de camisa e calça social e sapatos, como sempre,

roupas limpas e alinhadas. Sua postura está mais impecável do que nunca e, pelo seu trabalho, precisa estar sempre com a postura adequada. Continua movimentando-se de maneira tranquila, sem gestos muito bruscos. Seu modo de falar é sempre correto, evitando palavrões e palavras coloquiais. É economista em uma grande empresa e faz seu trabalho com excepcionalidade, sem deixar brechas para que o questionem negativamente. O gosto pelo desenho ainda é presente, embora prefira apreciar as artes de outros autores às suas, nessa idade. Casou-se e teve dois filhos, que ama incondicionalmente, porém não consegue demonstrar. Foi diagnosticado com síndrome de Asperger, o que para ele foi um choque. Faz terapia para tentar lidar com essa situação e conseguir manter um relacionamento saudável com a mulher e os filhos, principalmente, o mais velho, Artur. Aceita bem ser tocado por familiares, embora ainda se sinta desconfortável ao ser tocado por pessoas desconhecidas. O seu principal problema interno é o relacionamento com o filho, que é bastante conturbado e que, de todas as maneiras, tenta mudar para melhor.

Soraia (19 anos)

Branca, esbelta, estatura mediana, cabelos claros e cacheados, olhos castanhos. Veste-se com roupas que são ao mesmo tempo despojadas e arrumadas. Sua postura é considerada normal. Move-se de maneira mais rápida, mas ao mesmo tempo, tranquila. Fala de maneira bem correta para sua idade, mesmo que use algumas gírias de vez em quando. É estudante de direito e muito dedicada. Gosta de sair com as amigas, mas também é uma garota caseira. Convive muito bem com seus pais e tem uma irmã mais velha, com quem também se dá bem. Procura sempre fazer o bem para o próximo e detesta injustiças, por isso resolveu estudar direito. Ama o namorado, Carlos e consegue ver um futuro para os dois, embora saiba que poderá enfrentar algumas dificuldades no decorrer dos anos, por conta da personalidade dele.

Soraia (50 anos)

Branca, um pouco mais gorda do que aos 20 anos, estatura mediana, cabelos claros, curtos e ondulados, olhos castanhos. Procura se alimenta bem e se preocupa com a saúde. Está sempre arrumada e com cores sóbrias e sua maquiagem está sempre leve. Fala sempre de maneira correta e evita palavrões e gírias. É um pouco agitada, movendo-se sempre com rapidez. Sua rotina tem sido do trabalho para casa e da casa para o trabalho. Casada com

Carlos, ela enfrenta dificuldades para lidar com o diagnóstico do marido, feito recentemente. Porém, mantém a postura para não transparecer preocupação para o marido e os filhos. Se vê como o alicerce que mantém a família em pé e acredita que precisa ser forte o tempo todo, porém, sofre muito com os conflitos entre o filho e o marido, precisando, as vezes chorar escondido.

Artur (24 anos)

Pardo, cabelos e olhos castanhos, alto e musculoso. Forte como um touro, pois se alimenta muito bem e faz exercícios diariamente. Suas roupas são sempre despojadas, normalmente calça jeans, camiseta, jaqueta e tênis. Tem uma postura bem correta, como o pai. Movimenta-se de maneira rápida e agitada, como a mãe. Seu modo de falar é bastante coloquial, com uso de gírias e palavrões, e bastante ironia e sarcasmo. Terminou o ensino médio depois de muito sacrifício e, após isso, não quis mais saber de estudar ou trabalhar. O tempo que passa em casa, normalmente, está dormindo e, usa seu tempo livre para andar de moto com os amigos e ir à academia. Se dá muito bem com a irmã, razoavelmente com a mãe, mas nada bem com o pai, pois acredita que o mesmo não lhe deu atenção suficiente na infância. Ama sua família, mas não dá o braço a torcer e permanece sempre na defensiva. Sente vontade de fazer as pazes com o pai, mas não consegue perdoá-lo por ter sido um pai presente fisicamente, mas ausente de carinho e atenção. Sua rebeldia é reflexo de toda essa frustração.

Luise (20 anos)

Branca, cabelos pretos e cacheados, olhos castanhos, baixinha e magra. Uma jovem que se preocupa com a saúde e a aparência. Razoavelmente vaidosa, está sempre vestida com roupas da moda e sempre arrumada. Tem uma postura mais relaxada e move-se de maneira calma e tranquila. Seu modo de falar é, na maioria das vezes, correto, mas faz uso de gírias e palavrões, como qualquer outra pessoa de sua idade, mesmo que com menor frequência. Decidiu estudar psicologia quando soube que o pai sofria da síndrome de Asperger e se apaixonou pelo curso, dedicando-se bastante a ele. Gosta de sair com as amigas nas horas vagas, mas também adora passar um tempo com os pais em casa, assistindo TV. É uma menina doce e sempre alegre. Ama sua família, mas o pai principalmente, pois vê nele um exemplo a ser seguido, que, com todas as dificuldades, conseguiu e formar e constituir uma

família. Torce para que o pai e o irmão se deem bem num futuro próximo, mas teme que isso não aconteça e que sua família acabe sendo destruída por conta dos conflitos dos dois.

5. O PROCESSO

Inicialmente, o roteiro *Acanhado* seria desenvolvido apenas para a disciplina de Argumento e Roteiro, do curso de Cinema e Audiovisual da UESB, ministrada pela professora Mônica Medina, e seria inicialmente, o roteiro de um curta. No entanto, ao começar a desenvolver o roteiro, assistir os filmes que inspiraram o mesmo e a pesquisar sobre a temática abordada, foi percebido que o mesmo poderia ser desenvolvido e utilizado como Trabalho de Conclusão de Curso.

Começou-se então a pesquisa mais aprofundada sobre o tema e a busca por outras obras ficcionais que trabalhassem toda essa questão dos transtornos invasivos de desenvolvimento, para que o presente trabalho tivesse um embasamento científico apropriado e correto, de maneira que o mesmo tivesse o mínimo de falhas possíveis, nesse sentido.

É sabido que a opção de se trabalhar com esse tipo de tema é um risco, pois não é possível abordar esse tipo de assunto de qualquer maneira, sem uma ampla pesquisa que os faça entender, apropriadamente, as questões principais sobre o mesmo. São essas questões como o desenvolvimento da doença, seu diagnóstico, tratamentos apropriados e como ela poderá afetar a vida cotidiana e social do indivíduo.

Abordar esse assunto foi uma escolha feliz. Além de ser algo com o que me identifico, e que traz comoção pessoal, creio que é algo que deve ser falado e trabalhado cada vez mais, não só na área de Cinema e Audiovisual, como em outras, buscando não só conhecimento, mas também a inclusão social de pessoas com Autismo, Asperger ou qualquer outro tipo de doença ou condição psicológica, indivíduos esses que, por muitas vezes, são alvo de discriminação e preconceitos, dentro da sociedade em que vivemos.

Como dito anteriormente, ter uma ideia é algo simples, pois, podemos tê-las praticamente o tempo todo. No entanto, desenvolver uma ideia que dará origem à um roteiro é a parte difícil desse processo pois, para isso, precisamos ter noção de que essa ideia principal deverá ser boa o suficiente para prender o espectador, quando o roteiro se tornar um filme.

Doc Comparato, em seu livro *Da Criação do Roteiro*, de 2009, escreve um capítulo apenas sobre a ideia. No mesmo, ele disserta sobre a capacidade criativa que temos, e reforça o fato de que as ideias não surgem do nada.

Um roteiro começa sempre a partir de uma ideia, de um fato, de um acontecimento que provoca no escritor a necessidade de relatar. A busca da ideia ou a sua descoberta são atividades nem sempre fáceis de abarcar. As ideias são por vezes sutis e difíceis de alcançar. No entanto, terão de converter-se no fundamento do roteiro, e isso exige o maior cuidado para as descobrir, isolar e definir, (COMPARATO, 2009, p 80).

Por tanto, ao se ter uma ideia, precisamos pensar em todos os âmbitos de como ela poderá ser desenvolvida no processo criativo. Devemos analisar nossa ideia, pesando os prós e contras da mesma, dentro de possíveis situações que poderão ser geradas a partir dela e seus resultados, criando assim um roteiro que prenderá o leitor/espectador do início ao fim.

Depois da ideia estabelecida, começou então o processo de criação do roteiro, passando por todas as etapas, citadas acima, no quesito 3 deste presente trabalho, para então passar para a escrita do roteiro. A meu ver, essa foi a parte mais difícil.

Desenvolver a história, descrevendo os trejeitos dos personagens, ambientes onde se encontravam e situações em que estavam envolvidos gerou um pouco mais de trabalho do que o esperado. Olhando de fora, achamos que contar uma história cinematográfica não é difícil, quando se tem a ideia principal já estabelecida. No entanto, a partir do momento em que começamos a escrever o roteiro, as dificuldades em se encaixar, de maneira correta, as cenas para que no final, todo o enredo se encontre, começaram a aparecer.

Durante a escrita, acabei mudando inúmeras vezes a história que tinha pensado inicialmente para que seu desenrolar pudesse ser melhor entendido, ficando mais claro os objetivos principais desse roteiro. Acredito que seja praticamente impossível para um roteirista terminar seu trabalho exatamente como pensou que seria quando começou a escrevê-lo. Quando pensamos no roteiro, imaginamos toda sua trajetória em nossa mente, porém, ao passarmos para o papel, começamos a identificar pequenos erros, que corrigidos, contribuirão muito mais para o produto final.

Comigo não foi diferente. Algumas cenas faziam sentido, quando pensava nelas. No entanto, ao vê-las escritas percebia que algo faltava ou sobrava nas mesmas. As mudanças foram acontecendo naturalmente. Ouvi também as sugestões da minha orientadora Monica Medina, que tem toda uma trajetória de experiências com roteiros. Ela me deu orientações que deixaram o roteiro mais bonito, digamos assim.

O processo total da escrita de *Acanhado* foi de pouco mais de um ano. Durante esse período, muitos bloqueios criativos surgiram, infelizmente. Então, ao mesmo tempo em que um dia eu conseguia escrever inúmeras páginas, de maneira que fluíam bastante as ideias, no dia seguinte nada surgia na mente para que o desenvolvimento continuasse. Tive que adiar a entrega do Trabalho de Conclusão de curso de um semestre para o outro, a fim de que este trabalho fosse mais bem escrito, sem pressa e de maneira correta.

Terminado o roteiro, deu-se a hora de partir para a formatação do mesmo. Segui a linha de Hugo Moss que, em *Como Formatar seu Roteiro*, de 1998, nos ensina a formatação

padrão. Nesse livro, Moss dá dicas e exemplos de como um roteiro seria bem escrito e aceito, de maneira que o melhor possa entendê-lo com clareza.

Como já mencionei, as polêmicas e argumentos sobre formatação que surgem nos Estados Unidos são intermináveis. Estas regras apresentadas aqui não pretendem ser definitivas, e muito menos a única verdade - que não existe. Escritores sempre vão ter suas preferências e pequenas variações particulares. O que pretendo fazer aqui é mostrar como escrever o seu roteiro para que ele seja imediatamente reconhecido como roteiro. Que sendo um roteiro de cinema, seja escrito e lido na maneira mais visual possível. (MOSS, 1998, p 14).

Por fim, fiz a formatação de *Acanhado*, uma última revisão de todas as cenas, antes da entrega e, deste modo, estava finalizado o primeiro tratamento do meu roteiro, para o Trabalho de Conclusão de Curso, TCC.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, o presente trabalho finaliza um ciclo. Ciclo esse onde o conhecimento se fez presente em todos os momentos. Foram quatro no curso de Cinema e Audiovisual, aprendendo e debatendo sobre essa arte fascinante, por tanto, esse roteiro nada mais é do que o conjunto de todo aprendizado adquirido durante esse tempo. Foi um período extremamente gratificante, onde conhecemos e estudamos a fundo essa sétima arte que faz toda diferença na vida de inúmeras pessoas. Uma arte importante e belíssima.

Escrever esse roteiro, além de trazer muito conhecimento, me fez crescer mais como pessoa e futura cineasta. Pesquisar sobre um tema tão importante como esse fez com que meu modo de pensar e o maneira como enxergo as coisas à minha frente mudassem, de modo que me faça evoluir como ser humano.

Além de familiarizar com o tema, o conhecimento adquirido através do mesmo me trará benefícios futuros, tanto na vida profissional como pessoal. Estudar e conhecer um pouco mais sobre a síndrome de Asperger e o Autismo foi extremamente satisfatório para meu desenvolvimento social, fazendo com que entendesse um pouco mais do que pessoas nessas condições podem vir a enfrentar em sua vida cotidiana, trazendo a tona ainda mais a importância de se tratar desse assunto.

Levar conhecimento sobre o mesmo através de uma obra fílmica é de grande relevância para que a sociedade passe a se reeducar em relação ao acolhimento de pessoas nessas condições, seja no âmbito escolar, profissional ou social. Desse modo, escolas poderão preparar um ambiente adequado para crianças com asperger, autismo ou qualquer outro tipo de condição enquadrada nas TID, fazendo com que as mesmas se sintam acolhidas e cuidadas, melhorando gradativamente a interação social dessas crianças no decorrer de suas vidas.

Foi um grande prazer escrever esse roteiro, pois a escrita sempre foi algo que muito me fascinou, então, nada mais lógico do que optar por essa modalidade para ser trabalhada na finalização desse ciclo chamado graduação, unindo assim, o útil ao agradável.

Além da carga teórica adquirida durante todo esse processo, a prática da escrita de roteiro foi uma experiência única, que será levada durante minha caminhada nessa nossa jornada, onde o meio audiovisual se fará presente, contribuindo significativamente para área profissional onde irei atuar.

Levando em consideração que, em sua maioria, o roteiro é o ponto de partida principal para um produto audiovisual, seguindo do pressuposto de que ele nos indica o

caminho que devemos seguir ao se produzir um arquivo fílmico, é com ele que encerro esse período acadêmico.

No mais, é válido salientar que todo o núcleo de professores do curso de Cinema e Audiovisual, que sempre se doaram para o mesmo, de uma maneira muito bela, tornando ainda mais gratificante a permanência dos alunos dentro da academia, contribuíram para a realização desse trabalho, pois cada um deles se manteve presente e a disposição dos formandos para sanar possíveis dúvidas relacionadas ao trabalho de conclusão de curso.

Em especial, minha orientadora, Monica Medina, que com paciência e tranquilidade, fez com que esse trabalho pudesse ser finalizado da melhor maneira possível, colaborando, com sua extensa carga teórica e prática sobre roteiros, para a construção, formatação e finalização do mesmo.

Vejo esse roteiro como o início de um conjunto positivo de aprendizado, nessa caminhada que se inicia, envolvida diretamente com a sétima arte. Quando iniciamos o curso de Cinema e Audiovisual, não fazemos conta da dimensão de conhecimento que ele irá nos trazer em relação ao cinema em si, nos levando a admirar ainda mais os meios de produção do mesmo, seja ele o gênero que for.

Por fim, aponto que termino o presente trabalho, assim como todo esse período de tempo dentro desse curso, com sentimento de dever cumprido, levando comigo conhecimentos que me farão crescer gradativamente em minha carreira profissional.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Atypical- 1ª Temporada. Direção: Joe Kessler, Michael Patrick Jann, Seth Gordon. Original Netflix, 2017. 260 minutos.

CAMARGOS JR., Walter. **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3o Milênio.** Brasil: CORDE, 2005. 260 p.

COELHO, Madalena; SANTO, Antônia Espírito. **Necessidades Educativas Especiais de Caráter Permanente/Prolongado no da Escola Inclusiva.** Brasil, 2006. Disponível em: http://cenfocal.drealentejo.pt/trabalhosformandos/ac%E7%E3o7/Trabalho_Final_-_Autismo_Ant%C3nia_Madalena.pdf. Acesso em 16 de outubro de 2017.

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro: teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2009.

Farol das Orcas. Direção: Gerardo Olivares. Original Netflix. 2017. 110 minutos.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. **Autismo e Doenças Invasivas do Desenvolvimento.** Jornal de Pediatria - Vol. 80, Nº2 (supl), 2004.

KLIN, Amy. **Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral.** USA, 2006. Revista Brasileira de Psiquiatria.

Meu nome é Rádio. Direção: Michael Tollin. Produção: Brian Robbins, Herb Gains, Michael Tollin. Revolution Studios, 2003. 109 minutos. DVD

MOSS, Hugo. **Como Formatar Seu Roteiro.** Brasil, 1998.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Síndrome de Asperger: aspectos científicos e educacionais.** Brasil, 2010. Revista Iberoamericana de Educación/Revista Ibero-americana de Educação. ISSN: 1681-5653 n.º 53/7

Querido John. Direção: Lasse Hallström. Produção: Marty Bowen, Wyck Godfrey. Cidade: New Line Cinema, 2010. 105 minutos. DVD.

SPARKS, Nicholas. **Querido John.** Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito, 2010.